

### III. A leitura do passado

*We wanted to find in the past real bodies and living voices, and if we knew that we could not find these – the bodies having long moldered away and the voices fallen silent – we could at least seize upon those traces that seemed to be close to actual experience.*

(Stephen Greenblatt, “The Touch of the Real”)

#### 1.

O teórico de cultura e literatura Stephen Greenblatt, junto com outros estudiosos como Wesley Morris, Louis Montrose e Catherine Gallagher, propôs, a partir da década de 1980, importantes reflexões teóricas e analíticas para a renovação de abordagens históricas de produções literárias. Amplamente discutido no período de sua formulação, o *New Historicism*, como ficou conhecido essa tendência, surge em um contexto de reintrodução da História dos Estudos Literários, após domínio de perspectivas formalistas no cenário norte-americano. Um de seus pontos-chaves foi a apropriação de estratégias interpretativas dos Estudos Literários como meio de compreender sistemas simbólicos complexos pelo antropólogo Clifford Geertz nos anos 1970. Na interpretação de Stephen Greenblatt, em “The Touch of the Real” (2005a), Geertz provocou “small wonder” entre os críticos literários ao demonstrar o valor de seus pressupostos analíticos, principalmente por promover um contato profícuo com a realidade através de “pieces of writings” (GREENBLATT, 2005a, p. 30).

No mesmo período, a disciplina da História passava por questionamentos sobre o *status* linguístico de sua produção de conhecimento. Conforme analisa a teórica de História Verónica Tozzi em *La historia segun la nueva filosofia de la historia* (2009), historiadores como Arthur Danto, Hayden White, Louis Mink e Frank Ankersmit, influenciados pela “virada linguística” ocorrida a partir da década de 1970, começaram a refletir sobre a apropriação da linguagem para produzir e comunicar conhecimento. Havia, portanto, um cenário propício para analisar o *New Historicism* através de sua concepção de textualidade, importada, em parte, da Antropologia de Geertz, mas também da ordem do discurso de Michel Foucault. Embora essa tendência foi julgada como a-histórica por seu entusiasmo pelos textos, Hayden White, em seu artigo “New Historicism: A Comment” (1989),

defende o *New Historicism* ao enfatizar a exposição explícita de uma teoria de textualidade como vantagem do movimento, uma vez que este aspecto estaria presente em qualquer produção historiográfica. Em sua análise, apesar do *New Historicism* se apresentar apenas como uma tentativa de restaurar a dimensão histórica dos Estudos Literários, revela uma radical reconceitualização do relacionamento entre produções literárias e seus contextos socioculturais de produção e recepção através de um questionamento da noção de História basilar das análises históricas de produções literárias, demonstrando como textos literários e não-literários possuem valor produtivo, e não apenas reprodutivo, em sistemas culturais.

Através de reflexões sobre textualidade, o *New Historicism* destaca a percepção de textos como capazes de invocar “the effect of what the ancient rhetoricians called *enargeia*” (GREENBLATT, 2005a, p. 36), entendida como força vital. Além de dialogar com questões colocadas no período sobre o tema da textualidade, ao contemplar efeitos de textos literários como presentes e relevantes em sua proposta historiográfica, pode oferecer respostas interessantes para a historiografia literária em minha proposta de contemplar a atuação de aspectos afetivos no campo, aspecto pouco analisado pela crítica sobre o movimento, embora presente em suas reflexões. Por essa razão, suas proposições foram escolhidas como uma primeira entrada para a compreensão da interação entre processos afetivos e cognitivos no amplo campo da historiografia literária, que pode ganhar novos contornos através do diálogo com recentes descobertas advindas no campo das Neurociências. As fundamentações lançadas nas pesquisas do neurocientista António Damásio (2000), por exemplo, possibilitam explorar esse tipo de reflexão pelas suas enfáticas demonstrações sobre a importância de compreender a interação dos afetos em processos cognitivos. Nesse sentido, este capítulo tem por objetivo reler o *New Historicism*, trocando o foco apenas no modo como lidam com teorias de textualidade, para ressaltar como processos afetivos estão presentes e são trabalhados na análise de textos literários em perspectiva histórica, explorando algumas de suas principais estratégias na produção de conhecimento histórico no espaço dos estudos literários.

A fim de alcançar o objetivo proposto, será analisado *The Swerve: How the World Became Modern* (2011), de Stephen Greenblatt, em que uma de suas proezas

foi tornar interessante, além de informativa, a redescoberta de um poema escrito na Antiguidade por um burocrata renascentista para leitores atuais através de uma configuração escritural envolvente e com estratégias que merecem ser discutidas. Também serão feitos apontamentos sobre *The Rise and Fall of Adam and Eve* (2017), que aborda o surgimento do mito cristão de Adão e Eva através de diversas interpretações e da sua importância no sistema cultural Ocidental. A partir dessas análises, que relacionam práticas desenvolvidas nos dois livros de Greenblatt com reflexões do campo da Teoria da História, Teoria da Literatura e das Neurociências, explicitam-se não apenas seus pressupostos teóricos, mas também as estratégias utilizadas, possibilitando caminhos para a compreensão da intercessão entre processos afetivos e cognitivos nas historiografias literárias.

## 2.

Antes de iniciar propriamente a análise dos livros de Stephen Greenblatt, cabe aprofundar o relacionamento entre o cenário dos Estudos Literários americanos e a emergência deste modelo de historiografia literária a fim de compreender a inovação das estratégias utilizadas, algumas das quais já se tornaram habituais aos olhos atuais. Primeiramente, as reflexões teóricas propostas partiram, geralmente, de pesquisadores interessados pelo período Renascentista e que consideravam inadequados os modos de investigação disponíveis sobre aquele período. Louis Montrose, por exemplo, em “Professing the Renaissance” (1989), sintetiza algumas práticas tradicionais na historiografia literária a serem revistas, como a articulação entre técnicas formalistas de *close reading* e as histórias das ideias ou de gêneros literários; o entendimento do mundo elisabetano equivocadamente considerado estável, coerente e coletivo; e a busca de corrigir ações e características de personagens ficcionais através da referência a pessoas e eventos históricos (MONTROSE, 1989, p. 18). O *New Historicism*, que não pode ser visto como escola, mas como conjunto de práticas, na visão de Montrose, focaliza

a refiguring of the socio-cultural field within which canonical Renaissance literary and dramatic works were originally produced; upon resituating them not only in relationship to other genres and modes of discourse but also in relationship to

contemporaneous social institutions and non-discursive practices (MONTROSE, 1989, p. 17).

Nessa perspectiva, o termo *Cultural Poetics*, ao contrário do usual *New Historicism*, designaria com maior precisão a tentativa de produzir e fundamentar sentidos [*meanings*] sobre obras literárias através da articulação entre estratégias historicistas e formalistas.

Para os *new historicists*, o significado de determinada produção literária estaria vinculado à reconstrução do momento de sua produção, desfazendo a oposição entre análises intrínsecas e extrínsecas (GREENBLATT, 2005b, p. 13). Contrariando essa perspectiva, em 1986 o então presidente da *Modern Language Association*<sup>1</sup>, J. Hillis Miller sustenta uma polarização entre as análises linguística e sócio-histórica, considerando o interesse por estudos contextuais como “uma crise para os Estudos Literários” pelo seu caráter ideológico (MONTROSE, 1989, p. 16). Montrose, por seu turno, enfatiza que a orientação para análise linguística, por si, também é ideológica e socialmente informada. O formalismo como estratégia predominante nos Estudos Literários daquela época, nesse sentido, é fortemente questionado por desconsiderar os contextos socioculturais em suas análises e por utilizar métodos considerados como totalizadores e atomizantes por seus críticos.

Outro ponto de tensão, segundo Hayden White, é a pressuposição da autonomia da arte para os formalistas, em que sua história literária só poderia ser concebida como uma sequência de estilos literários, “each of which could be grasped as a paradigmatic structure but the reactions among which, due to the uniqueness of each, had to remain in principle inderteminable” (WHITE, 1989, p. 298). O *New Historicism*, apesar de ainda manter a crença nessa singularidade, inclui em sua análise textos não-literários e práticas e instituições sociais consideradas sintomáticas de determinado contexto histórico (p. 298). Além disso, partidários do *New Historicism*, como analisa Montrose, propõem-se a substituir a organização diacrônica de uma história literária – pautada pela autonomia do texto em relação ao seu contexto de produção –, pela sincronia – em que textos literários

---

<sup>1</sup> Fundada em 1883, é a principal associação dos pesquisadores profissionais de língua e literatura nos Estados Unidos.

são inseridos em determinado sistema cultural – da intertextualidade (MONTROSE, 1989, p. 17).

A questão da autonomia da arte, isto é, a consideração da arte como independente de sua autoria e recepção, é discutida pelo *New Historicism*, principalmente, pela reconfiguração sobre o relacionamento entre texto e contexto. Primeiramente, revisa-se a noção de contextos históricos como estáveis, afastando a compreensão de circunstâncias históricas como um “stable, prefabricated background against which the literary texts can be placed, but as a dense network of evolving and often contradictory social practices” (GREENBLATT, 1990, p. 42). Em segundo lugar, ao considerar texto e contexto como intercambiantes, em vez do primeiro ser reflexo do segundo, o movimento privilegia o entendimento de produções literárias como “evidence of the human capacity to respond, and not merely react, to the social and cultural conditions of the time and place of their production” (WHITE, 1989, p. 299). Dessa forma, embora analistas do movimento o considerem “hostile to Great Books and American values” (VEESER, 1989, p. ix), na verdade, um dos seus objetivos é precisamente estimular a admiração às “sheer intricacy and unavoidability of exchanges between culture and power” (p. xi), mostrando também como um texto pode permanecer vivo em diversas circunstâncias sociohistóricas. Nesse horizonte, em vez de hostilidade ao cânone, uma de suas tarefas-chaves é exatamente “read the canon against the grain: to amplify the voices of the disenfranchised, to expose the guilty political unconscious of the text, to deepen and widen the faultliness in its legitimation of the status quo” (RYAN, 1996, p. xv). Nessa tarefa de explorar as “linhas de falha”, há mais uma problematização da relação entre texto e contexto como especular, uma vez que um texto deixa de representar coerentemente determinado contexto, para explorar um tipo de abordagem que, pelo contrário, procura compreender as dissidências, a apropriação e a recusa de aspectos dominantes em sistemas culturais (SINFIELD, 1992, p. 48).

Além das controvérsias com o formalismo, o *New Historicism* também foi questionado pela própria noção de história assumida. Como indica White, por considerar aquele campo disciplinar como “a sequence of integral ‘cultural systems’ of which both literature and social institutions and practices are to be regarded as manifestations or expressions and the relations among which are to be

regarded as mutually determining and determined” (WHITE, 1989, p. 298), aquela prática historiográfica coloca igualmente em questão a noção de tempo como sendo progressista e linear, característica do pensamento histórico do período<sup>2</sup>. Esse movimento procura construir uma sequência de momentos distintos, em que um padrão explicativo só poderia ser “retrodictively discernible but not prospectively predictable from within any given moment of the sequence itself” (p. 301).

A problematização da História deriva igualmente do maior apelo sociológico na análise dos fatos nesse campo, em contraposição ao privilégio dado à perspectiva cultural pelo *New Historicism*, colocando em questão a própria natureza do chamado fato histórico (p. 296). Há uma determinante contrariedade ao entendimento de períodos históricos como monolíticos através da procura na história de menos informações causais para o surgimento de determinada produção literária. Segundo White,

what they have discovered, however, is that there is no such thing as a specifically historical approach to the study of history, but a variety of such approaches, at least as many as there are positions on the current ideological spectrum; that, in fact, to embrace a historical approach to the study of anything entails or implies a distinctive philosophy of history; and that, finally, one’s philosophy of history is a function as much of the way one construes one’s own special object of scholarly interest as it is of one’s knowledge of ‘history’ itself (WHITE, 1989, p. 302).

Apesar das críticas à noção de História pelos estudiosos de literatura dessa corrente, deve ser ressaltado o questionamento da própria disciplina pela relação que constrói entre textos literários e sistemas culturais. As historiografias passam a ser entendidas como “historically contingent on the present in which they are constructed” (PAYNE, 2005, p. 3).

Para White, o *New Historicism* procura unificar em suas análises aspectos considerados problemáticos por historiadores, como as noções de cultura e textualidade, com as chamadas “falácias historicistas” na perspectiva formalista,

---

<sup>2</sup> O historiador alemão Reinhart Koselleck (2006), ao investigar o surgimento do conceito moderno de História, entende o tempo histórico como a relação específica entre experiências do passado e horizontes de expectativas, em que o passado ajuda a orientar o planejamento de ações futuras, diferindo-se do tempo biológico, por exemplo, ou da própria concepção de história anterior ao século XVIII, pautada por narrativas plurais e particularizadas. Sua pesquisa, ao se centrar no surgimento e compreensão da concepção moderna de História, ratifica a historicidade e possibilidade de alteração dessa forma específica de relacionamento entre homem e tempo.

como a busca de novas articulações referenciais. White afirma que “the New Historicists are both too historical and not historical enough; they are too formalist and not formalist enough” (WHITE, 1989, p. 295), dependendo de quem for criticá-los.

No entanto, uma marca desse movimento que desafia ambos, historiadores e formalistas, para H. Aram Veeseer, seria a inserção de traços da experiência pessoal, acentuando a necessidade autorreflexiva que permite dar relevo às implicações do historiador nos próprios processos analíticos, problematizando “the norm of disembodied objectivity to which humanists have increasingly aspired” (VEESER, 1989, p. ix). Os desejos e interesses do pesquisador são amplamente defendidos como fazendo parte do projeto investigativo, “nor is that passion bland or banal” (p. ix). Especialmente esse aspecto, pensando na inserção de processos afetivos e emocionais nas estratégias privilegiadas pelos *new historicists*, merece atenção. Como Greenblatt apresentou no discurso de recebimento do prêmio *Pulitzer* 2012 do livro *The Swerve: How the World Became Modern*, na categoria “Não-ficção em geral”, importa enfatizar o poder dos livros de cruzar fronteiras temporais e espaciais e de presentificar os mortos, mostrando a magia da palavra escrita. Segue-se, portanto, o exame de como essa magia foi apropriada, desenvolvida e tornada fundamental para a compreensão em perspectiva histórica de textos literários.

### 3.

*The Swerve: How the World Became Modern* (2011)<sup>3</sup>, de Stephen Greenblatt, narra a redescoberta do poema filosófico *Da natureza das coisas* (*De Rerum Natura*), escrito por Lucrecio no século I a.C., pelo caçador de livros e humanista Poggio Bracciolini no século XV. Esta “little known but exemplary Renaissance story” (GREENBLATT, 2011, p. 11), torna-se um emblema das diversas estruturas, circunstâncias e casualidades que propiciaram essa redescoberta, assim como a própria “virada” (como ficou traduzido para português *swerve*, presente no título original do livro) para a mentalidade moderna

---

<sup>3</sup> Traduzido e publicado em português pela Companhia das Letras como *A Virada: o nascimento do mundo moderno* (2012).

possibilitada pela circulação das proposições do poema de Lucrecio. Precisamente sua tentativa de encapsular em uma historieta sobre a viagem de uma “baffling figure” (p. 15) aspectos aparentemente díspares – “behind that one moment was the arrest and impresionment of a pope, the burning of heretics, and a great culturewide explosion of interest in pagan antiquity” (p. 13) – será o primeiro o método a ser analisado.

Primeiramente, Stephen Greenblatt se apropria de técnicas da narrativa literária para transformar o material histórico coletado em uma história cativante, mas igualmente informativa, como demonstra o início do capítulo 1: “In the winter of 1417, Poggio Bracciolini rode through the wooded hills and valleys of southern Germany toward his distant destination, a monastery reputed to have a cache of old manuscripts” (p. 14). Esta forma de escrita cria uma atmosfera de grande aventura e descobertas, possibilitando também uma espécie de identificação inicial com Poggio Bracciolini, que se torna personagem principal dessa história e cuja imagem é construída aos poucos pela narrativa. Sobre sua chegada à Alemanha, ele é apresentado como

Slight of build and clean-shaven, he would probably have been modestly dressed in a well-made but simple tunic and cloak. That he was not country-bred was clear, and yet he did not resemble any of the city and court dwellers whom the locals would have been accustomed to glimpse from time to time. Unarmed and unprotected by a clanging suit of armor, he was certainly not a Teutonic knight (...) Though he did not seem to be poor, he had none of the familiar signs of wealth and status (...) And, as was plain from his clothes and the cut of his hair, he was not a priest or monk (GREENBLATT, 2011, p. 14).

Mesmo citando três referências bibliográficas que podem confirmar sua descrição sobre a aparência do caçador de livros, através de nota de rodapé, além do uso do termo “probably”, a apresentação elaborada por Greenblatt serve para construir uma imagem de Poggio Bracciolini como alguém que não se encaixava nos padrões da época, ainda sem saber que estava prestes a fazer uma grande descoberta.

A descrição de Poggio é permeada por explicações de fatos e atitudes considerados inusitados aos olhos atuais, facilitando um aprofundamento naquele passado longínquo e maior identificação com os fatos narrados. Por exemplo, sobre a importância das vestimentas de Poggio naquele período, explica-se que “most people at the time signaled their identities, their place in the hierarchical system, in

visible signs that everyone could read, like the indelible stains on a dyer's hands” (p. 15). Tais marcas são relevantes porque, diferentemente do tempo presente, no século XV,

The household, the kinship network, the guild, the corporation – these were the building blocks of personhood. Independence and self-reliance had no cultural purchase; indeed, they could scarcely be conceived, let alone prized. Identity came with a precise, well-understood place in a chain of command and obedience. To attempt to break the chain was folly (...) The best course was humbly to accept the identity to which destiny assigned you (GREENBLATT, 2011, p. 16).

Poggio é retratado, portanto, como alguém que desafiava as normas dominantes no sistema cultural medieval ao mesmo tempo que causa estranhamento aos olhos dos leitores atuais, sendo emblemática sua análise pela possibilidade de aprofundamento do conhecimento sobre seu próprio contexto sociocultural.

A necessidade de explicação dos trajes que, além de promover maior compreensão da sua importância no período, está em sintonia com sua proposta de que textos literários podem ser lidos através desse relacionamento entre passado e presente. Conforme Greenblatt sugere em “Resonance and Wonder” (1990), a prática *new historicist* se interessa em analisar textos “upon the historical circumstances of their original production and consumption and to analyze the relationship between these circumstances and our own” (GREENBLATT, 1990, p. 42), exatamente pela sua concepção de contexto histórico como uma instável e complexa trama de práticas sociais e culturais. Assim, através desses vestígios do passado, como a consideração das vestimentas como marcas identitárias, ele procura ler e descrever o contexto cultural de Poggio, possibilitando o entendimento de suas atitudes e escolhas.

Apesar de ser apresentado primeiramente como uma figura estranha, a narrativa vai mostrando que “Poggio was a man of importance” (GREENBLATT, 2011, p. 19). Habilidade *scriptor*, responsável por redigir os documentos oficiais da burocracia papal, após a renúncia do papa João XXIII em 1415, deixando-o sem mestre e sem dinheiro (p. 21), Poggio decide procurar manuscritos da antiguidade perdidos. Além de trabalhar para o grande pontífice, ele era um humanista importante no período e sabia que “for long centuries monasteries had been virtually the only institutions that cared about books” (p. 24), uma vez que a leitura

fazia parte dos afazeres dos monges. Poggio, apesar de não ser um clérigo como fora Petrarca, um dos primeiros humanistas italianos, além de possuir “considerable personal charm” (p. 31), ser habilidoso na decifração de manuscritos antigos e ser um “wonderfully gifted Latinist” (p. 31), tinha a vantagem de ter feito parte do papado. Assim, “in 1417, then, Poggio the book Hunter had a near-perfect conjunctions of time, skills, and desire. All that he lacked was ready money. Travelling, even frugally, was expensive” (p. 33). Apesar da ausência de fontes confiáveis, provavelmente, ele foi financiado por amigos mais abastados. De qualquer forma, nas palavras de Greenblatt,

It was high time for a prudent, highly trained bureaucrat almost forty years old, to look out for himself and find some stable means of support. But Poggio did nothing of the kind. (...) His craving to discover and liberate whatever noble beings were hidden in the prison house had evidently only intensified. He had no idea what he would find; he only knew that if it was something ancient and written in elegant Latin, then it was worth rescuing at all costs. The ignorant, indolent monks, he was convinced, were locking away traces of civilization far greater than anything the world had known for more than a thousand years (GREENBLATT, 2011, p. 180).

Apesar dos empecilhos enfrentados, quando finalmente descobre o poema filosófico de Lucrecio, o burocrata italiano não saberia que “he was unleashing something that threatened his whole mental universe” (p. 182). Poggio, um apaixonado pelos textos antigos, para quem “these were not manuscripts but human voices” (p. 180), entendia a Antiguidade como um patrimônio de eloquência e sabedoria. Logo após sua descoberta, Poggio envia o manuscrito para seu grande amigo Niccolò Niccoli, humanista que fora colega de Poggio em Florença e dono de uma famosa biblioteca na Itália. Para descontentamento de Poggio, seu amigo se recusa a entregar-lhe uma cópia do manuscrito, após insistentes pedidos, chegando a irritadamente escrever em 1429, “I want to read Lucretius but I am deprived of his presence; do you intend to keep him another ten years?” (p. 209). Finalmente, em data desconhecida, o poema foi enviado a Poggio e “slowly made its way again into the hands of readers, about a thousand years after it had dropped out of sight” (p. 209). Lucrecio finalmente foi liberto.

Em *The Return of Lucretius to Renaissance Florence* (2010), a historiadora Alison Brown também aborda o retorno do Epicurismo em Florença após

redescoberta do livro de Lucrecio por Poggio Bracciolini. Considerado um dos primeiros estudos detalhados sobre os efeitos do poema *De rerum natura* no Renascimento, através do exame dos escritos dos humanistas florentinos Marsilio Ficino, Bartolomeo Scala, Marcello Adriani e Maquiavel, ela investiga a influência do poema de Lucrecio naquele período. A descoberta de Poggio Bracciolini é sintetizada no parágrafo inicial:

Lucretius ‘went underground’ for about five hundred years before being unearthed by Poggio Bracciolini in 1417; after an anxious period in which the manuscript of *De rerum natura* he lent to his friend Niccolò Niccoli disappeared, it was then copied in sufficient manuscripts (fifty-five survive today) and printed editions to endure that it never disappeared again (BROWN, 2010, p. 1).

Ao comparar os livros de Greenblatt e de Brown, cujos objetivos são semelhantes apesar das estratégias analíticas e escriturais tão díspares, cabe levantar questões acerca das fundamentações que sustentam a exploração de procedimentos da escrita literária do pesquisador americano. Afinal, além da descoberta de um livro perdido não “ordinarily figure as a thrilling event” (GREENBLATT, 2011, p. 13), não parece ser um evento significativo para entender o Renascimento ou as ideias transformadoras contidas em *De rerum natura*.

Um primeiro argumento para sua escolha de criar uma narrativa empolgante reside no fato que os *new historicists* “are persistently aware that history is both what happened in the past (a set of events) and an account of those events (a story); historical truth arises from a critical reflection on the adequacy of the story that is told” (PAYNE, 2005, p. 3). Em outras palavras, uma de suas características é o reconhecimento da História como um tipo de discurso e, portanto, merece atenção a forma escolhida para apresentar os dados coletados. Para Greenblatt, “the insistence on narrative and on textual helps to justify the appeal to techniques of literary analysis, but it is not quite the same as an insistence that ‘there is nothing outside the text’” (GREENBLATT, 2005a, p. 32). De qualquer forma, a escolha de narrar um evento aparentemente sem importância, como a redescoberta de um manuscrito, segundo Michael Payne (2005), ocorre porque o *New Historicism* procura promover um olhar cético quanto às grandes narrativas históricas que procuram essencializar períodos históricos em uma descrição monolítica e objetiva.

Dessa forma, o entendimento da história como um discurso construído também está na seleção dos dados a serem apresentados e considerados necessários em sua narrativa.

Cabe ressaltar que o privilégio pela escrita narrativa para se produzir conhecimento histórico não é algo inusitado na historiografia americana<sup>4</sup>. Segundo o historiador Peter Novick, em *That Noble Dream: The "Objectivity Question" and the American Historian Profession* (1988), a profissionalização da História nos Estados Unidos ocorre da fundação da *American Historical Association* em 1884 e é profundamente marcada pela afinidade com proposições rankeanas, baseadas na convicção de que os fatos falam por si mesmos (NOVICK, 1988, p. 28). Embora o historiador acentue uma retomada de posições relativistas na década de 1960, uma vez que um primeiro questionamento no período entre 1914 e 1940, devido ao clima característico do período entre-guerras, foi seguido de um reinvestimento na objetividade como meta da disciplina, algumas mudanças na segunda metade do século XX colocaram em questão o seu modelo de produzir conhecimento histórico. Um dos pontos de maior tensão para a historiografia americana foi a ascensão dos movimentos negros e feministas, que argumentavam que uma escrita "objetiva" de determinadas questões na história depende da própria identidade do historiador. No entanto, mesmo com esse questionamento, a noção historicista de História, segundo a qual a função da disciplina é procurar vestígios do passado e organizá-los em linha cronológica a fim de reconstruir as realidades passadas, ressaltando que qualquer "mudança é sempre uma transformação de elementos antigos, nunca uma criação nova com todas as peças" (BOURDÉ, 1983, p. 101), continua praticamente inalterada. A diferença é que no historicismo alemão e na sua versão americana, o historiador deve se apagar completamente na produção do conhecimento histórico para que os fatos falem por si mesmos sobre o passado, enquanto a proposição mais atual recomenda que o historiador deve ter consciência da sua pertença a determinada identidade para ser capaz de escrever a história de determinado grupo ou movimento. Nesse sentido, no *New Historicism*, a opção pela escrita narrativa,

---

<sup>4</sup> Embora Hayden White afirme que "every history, even the most 'synchronic' or 'structural' of them, will be emplotted in some way" (WHITE, 2014, p. 7), na historiografia francesa, em que o privilégio é dado para uma escrita estrutural, procura-se analisar o passado com base em hipóteses a serem comprovadas. A diferença não é a sequência de fatos, mas acreditar que os fatos falem por si.

acreditando na necessidade de organizar fatos, está coerente com as próprias bases do historicismo, tendo como singularidade a escolha dos fatos a serem narrados e a noção de contexto histórico como formado por múltiplas redes. O foco na redescoberta de Poggio, que passa a figurar como uma grande aventura, para o *New Historicism*, ajudaria a compreender as contradições e contingências existentes naquele período. Através de seu estilo narrativo, Greenblatt procura resgatar não apenas as explicações sócio-históricas para a caça de Poggio, mas também aproxima este personagem, com seus conflitos e certezas, do leitor atual. Por exemplo, descobre-se que sua viagem só ocorreu por uma série de fatores inusitados, como a renúncia de um papa, fazendo com que o próprio evento adquirisse novo significado para além da usual narração dos grandes fatos históricos. Além disso, aproxima-se o literário do não-literário, apontando que tanto as anedotas históricas quanto produções literárias são textos, construídos pela imaginação e disponíveis pela narração e descrição.

De qualquer maneira, essa sua forma de escrita, que privilegia fatos anedóticos e inusitados em vez de procurar tecer uma grande narrativa, faz com que, de acordo com o historiador Marcos Antônio Lopes,

Quem se interessa por maquinações palacianas azeitadas com traições a jatos de sangue também se sentirá bastante confortável diante da obra. Em suma, *A Virada* é um desses livros que possuem a virtude de instruir sem enfadar, fundamento sempre digno de uma menção honrosa, mormente pelo alto grau de dificuldade de se entregar ótimo conteúdo com excelente diversão (LOPES, 2013, p. 240).

O privilégio pelo anedótico também pode ser entendido pela apropriação já indicada do *New Historicism* da técnica desenvolvida pelo antropólogo Clifford Geertz, conhecida como “descrição densa” (*thick description*). Em *Nova luz sobre a antropologia* (2001), Geertz afirma que para compreender o que as pessoas pensam, o que pensam que fazem e a finalidade de suas ações é necessário adquirir “uma familiaridade operacional com os conjuntos de significado no meio das quais elas levam suas vidas” (GEERTZ, 2001, p. 26). Um evento ou uma anedota, nesse sentido, conseguiria revelar pequenas partículas de comportamentos, lógicas e motivos que controlam determinado sistema cultural, além de estar mais alinhada com a consideração da relação entre texto e contexto como recíprocas, explorando o próprio caráter discursivo da produção de conhecimento histórico. A descrição

densa seria oposta a uma descrição mais geral, que apresenta fatos sem contextualizá-los, e sua vantagem seria a de dar significado aos atos, envolvendo-os em uma rede de significação, sendo a própria anedota o fio condutor. A proposta de Geertz, segundo o qual uma anedota é como um bilhete em uma garrafa, ainda salienta o fato de se descrever um acontecimento real, como no recado deixado pelo naufrago, e não uma sequência de eventos artificialmente inventada que precisa ser interpretada para que se possa compreender o sistema cultural que possibilitou a sua ocorrência. Assim, o ato da redescoberta de um poema por um humanista italiano passa a fazer parte de uma complexa rede social e cultural, que passa a fazer sentido a partir da narração proposta. Na análise de Joel Fineman, esse efeito se deve ao fato que

the anecdote produces the effect of real, the occurrence of contingency, by establishing an event as an event within and yet without the framing context of historical successivity, i.e., it does so only in so far as its narration both comprises and refracts the narration it reports (FINEMAN, 1989, p. 61).

*The Rise and the Fall of Adam and Eve* (2017), livro mais recente de Stephen Greenblatt, explora essa mesma estratégia da anedota para mostrar como um evento se relaciona com seu contexto histórico, mas para recontar o mito de Adão e Eva, desde o período de formação até o momento que sua leitura literal é contestada no século XVIII. Um caso emblemático para Greenblatt na constituição desse mito é a escrita do clássico *Paradise Lost*, por John Milton, considerado pelo estudioso como decisivo por ter conseguido “to make Adam and Eve real” (GREENBLATT, 2017, p. 163). Em outras palavras, é no poema épico de Milton que a curta narrativa do Gênesis sobre o primeiro casal criado pelo Deus cristão e expulso do paraíso após comer um fruto proibido alcança um toque de realidade que fortalece sua leitura como literal, desafio colocado desde Santo Agostinho em suas considerações se o mito deveria ser interpretado como narrando um fato real ou sendo uma alegoria. Na interpretação de Greenblatt,

The decisive event of Milton’s life – the experience to which his imagination ever afterward obsessively returned – was not his meeting with Galileo in Florence, not the outbreak of the English Civil War, not the beheading of the anointed king, not even his own descent into blindness. Rather it was the scant month or five weeks that he spent as a newlywed in the summer of 1642 with his young bride, Mary Powell (GREENBLATT, 2017, p. 163).

Para entender a relação entre o casamento de Milton e a transformação do mito de Adão e Eva, Greenblatt primeiramente apresenta o poeta como um jovem celibatário, apelidado de “The Lady of Christ’s” (p. 165) por seus colegas de universidade e desejoso de casar-se virgem, mesmo que “Milton’s effort to preserve his virginity for marriage may have been a difficult one” (p. 168). Greenblatt aproveita esse anedótico aspecto da vida de Milton para explicar sobre a natureza do casamento entre pessoas de recursos no século XVII, geralmente tratado como um negócio, o que tornaria incompatível com o período o seu desejo de se manter casto, assim como suas reflexões sobre a natureza do amor e as alegrias do casamento. Em 1642, acredita ter encontrado sua Eva e sentia que estava “about to enter Paradise” (p. 174), mas seu casamento durou cerca de um mês, uma vez que sua esposa Mary Powell visita sua família e não mais retorna, deixando Milton sozinho sem esclarecer o motivo de sua ausência (p. 175). No mesmo período, irrompe-se a Guerra Civil Inglesa – “two events could not be more unlike, and yet they did not occur in separate universes” (p. 175) – acontecimento usado como desculpa para a jovem noiva permanecer com a família em Forest Hill enquanto seu marido ficava em Londres. Milton, diante dos dois episódios catastróficos na sua vida, começa a escrever “a succession of impassioned tracts demanding that no-fault divorce with the right to remarry be made legally available to all English men and women. It was justified, he argued, by a proper understanding of the story of Adam and Eve” (p. 177). Apesar de suas ideias não serem tão bem recebidas, uma vez que o casamento no século XVII inglês era considerado um compromisso eterno, na interpretação de Milton, como Deus teria criado Eva para que Adão não se sentisse solitário, o casamento teria o mesmo propósito. Nesse sentido, ele articula, “perhaps for the first time ever, an experience to which anyone who has been in an unhappy marriage can attest. If you are married to the wrong person, your loneliness – ‘God-forbidden loneliness’ – is not diminished but heightened” (p. 180). Em 1643, um ano após ser abandonado, ele publica anonimamente *The Doctrine and Discipline of Divorce, Restores to the God of Both Sexes*. Ambos os sexos porque, para Greenblatt, Milton reconhecia que Mary Powell poderia também ter se sentido solitária ao morar longe de sua família, ao se casar com um estudioso cercado por livros. No entanto, a mesma guerra que foi a desculpa para os separar,

reúne os noivos. Três anos após o casamento e com a família Powell caindo em ruína após a perda da força do rei Charles na Batalha de Naseby, Mary “fell to her knees in submission before the husband she had abandoned and begged for his pardon” (p. 186). Toda a família consegue permissão para se mudar para Londres e morar “with the son-in-law they had hated” (p. 187).

Greenblatt mostra como o poeta inglês também interpretou o mito cristão por um viés político. Segundo ele, quando Deus diz para Adão e Eva dominarem mar, céu e qualquer ser vivo sobre a terra, Milton compreende que o ser humano é livre por natureza, sem que nenhum homem tenha direito sobre outro, e arranjos políticos são tidos como contratos sociais. Cada vez mais conhecido no período, Milton é fortemente afetado pelas tensões políticas existentes, deixando de ter um cargo importante em 1652, que o possibilitou ter um alto treinamento para exercer suas funções mesmo após ter se tornado cego, até ter que se esconder quando a situação política se tornou mais desfavorável, passando ainda por mais dois casamentos. Apesar de tudo parecer perdido, ele começa a ditar versos para um assistente e publica, primeiramente em 1667, depois uma versão revisada em 1674, o grande *Paradise Lost*, o poema que ele acreditava ser capaz de escrever.

Além da narrativa da vida privada de Milton, entremeada por questões políticas distintas, Greenblatt analisa *Paradise Lost* como profundamente marcado pelas experiências do poeta, apesar de sua magnitude ser “almost impossible to account for rationality” (p. 204). Todas as suas experiências foram relevantes, não no sentido de ele personificar no poema as pessoas e circunstâncias de sua vida, mas porque “every one of us, he believed, is the literal heir to the central figures, Adam and Eve. They were as real as we are, and their destiny directly affected our own” (p. 205). Um aspecto relevante é a crença de Milton na literariedade da bíblia, sendo que sua façanha foi “turn the literal into real not as the great artist had done, through line and color and form, but rather through incantatory rhythm, rhetoric, metaphor, and the rich sounds of his native tongue” (p. 209). Enquanto para construir o personagem Satã, Milton pode estudar os artifícios utilizados por Shakespeare, os personagens Adão e Eva impunham um desafio maior por quase não haver precedentes que pudessem servir de inspiração (p. 210). Além disso,

Milton believed deeply that at the center of marriage was intimate conversation between husband and wife, but to imagine and depict such intimacy was largely uncharted territory, not for

him alone but for all the literary culture in which he had steeped himself (GREENBLATT, 2017, p. 210).

Para o poeta estavam disponíveis materiais misóginos que não serviriam para representar o casamento paradisiaco e uma visão de Adão e Eva como seres de carne e osso, com vida interior complexa. Seu sucesso é desconcertante, como demonstra Greenblatt ao analisar algumas passagens do poema, uma vez que, “in *Paradise Lost*, Adam and Eve took on a more intense life – the life both of fully realized individuals and of a married couple – than they had ever possessed in the thousands of years since they were first conceived” (p. 214). No entanto, é espantoso que “Adam and Eve had become so real in Milton’s imagination that they began to crack open whole theological apparatus that brought them into being” (p. 228). Ou seja, quando eles deixaram de ser figuras alegóricas para terem uma “insistent, undeniable, literal human presence” (p. 228), o próprio mito passa a ser questionado pelas suas incoerências.

De qualquer forma, se por um lado *Paradise Lost* é analisado como o texto que conseguiu dar humanidade e toque de realidade à união de Adão e Eva, por outro, Greenblatt também tenta utilizar artifícios de escrita para dar o mesmo toque de realidade à sua descrição sobre *Paradise Lost*. Apesar do poema ser um clássico desconcertante, ele é tanto fruto de contingências, como a experiência matrimonial desastrosa de Milton, mas igualmente do trabalho dedicado do grande poeta inglês.

Devido a essa estratégia explorada por Greenblatt,

while some see New Historicism as one of several modes of socio-criticism engaged in constructing a theoretically informed, post-structuralist problematic of historical study, others see it as aligned with a neo-pragmatist reaction against all forms of High Theory; if some see New Historicist preoccupations with ideology and social context as threatening to traditional critical concerns and literary values, others see a New Historicist delight in anecdote, narrative and what Clifford Geertz calls “thick description” as a will to construe all of culture as the domain of literary criticism – a text to be perpetually interpreted, an inexhaustible collection of stories from which curiosity may be culled and cleverly retold (MONTROSE, 1989, p. 19).

Na resenha sobre *The Rise and Fall of Adam and Eve* para o jornal *The Washington Post*, a escritora Annalisa Quinn apresenta aquela visão do *New Historicism* como insuficiente no que tange os valores literários tradicionais, uma vez que apesar do

historiador reconhecer que *Paradise Lost* é um dos maiores poemas em língua inglesa, seria necessário “tell us little about Milton’s thorny, byzantine, glorious portrait of moral anguish” (QUINN, 2017). Segundo ela, Greenblatt poderia ter explorado interpretações que indiquem a grandiloquência do seu poema, por exemplo, ao conseguir que a figura de Satã seja sedutora não apenas para Adão e Eva, mas para seu leitor. Por exigir esse tipo de abordagem, percebe-se que ela reproduz uma dualidade entre análise intrínseca e extrínseca, sem conseguir entender que o fato de Milton ter tido experiências pessoais específicas o ajudaram a construir a forma de seu poema, fazendo com que fatos aparentemente extrínsecos à obra sejam parte de sua estrutura. A maestria de Milton foi precisamente a de estar tão presente no seu próprio tempo e nas suas experiências, que sua visão de mundo contribuiu, conseqüentemente, para sua escrita. Levando em consideração o entendimento de cultura como uma rede de negociações e trocas de materiais, ideias e mesmo pessoas, grandes escritores são aqueles que dominam os códigos dessa troca e suas produções são ligadas à acumulação, transformação, representação e comunicação dessa energia social e suas práticas. Em “Culture” (2005b), Greenblatt explica que,

through their ability to construct resonant stories, their command of effective imagery, and above all their sensitivity to the greatest collective creation of any culture – language – literary artists are skilled at manipulating this economy (GREENBLATT, 2005b, p. 15).

Nesse sentido, seria um equívoco separar o estudo do contexto histórico do estudo literário, sendo necessário tratar precisamente essa interseção entre História e ficção (p. 16). A abordagem empregada por Greenblatt, na verdade, reconhece a necessidade de articular o sistema cultural com a análise de determinada obra, em que, através da técnica da descrição densa, um evento deixa de ser visto como algo subordinado às circunstâncias socioculturais, como a descoberta de livros antigos no Renascimento ou a escrita de um poema no século XVII, para estar repleto de significados. Nesse sentido, sua abordagem não pretende fornecer um significado único, advindo das páginas do livro. Como analisa Alan Sinfield,

the quintessential traditional critical activity was always interpretive, getting the text to make sense. Hence the speculation about character motivation, image pattern, thematic integration, structure: the task always was to *help the text into*

*coherence*. And the discovery of coherence was taken as the demonstration of quality (SINFIELD, 1992, p. 50)

Nessa abordagem, pelo contrário, o desejo de uma interpretação coerente é entendido como uma quimera, uma vez que coerência depende de uma seleção que deixa aspectos de fora. Além disso, a procura desse tipo de análise que busca uma interpretação coerente depende de determinado tipo de educação literária que privilegia esse tipo de conhecimento. Na análise de Sinfield, no entanto, “we need not just to produce different readings but to shift the criteria of plausibility” (p. 51) e o *New Historicism* estaria produzindo um novo tipo de plausibilidade na interpretação de produções literárias ao afirmar a interdependência entre texto e contexto. Nesse sentido, a escrita de anedotas, explorando técnicas da escrita literária, como método de análise procura outras formas de se conhecer o passado literário.

Além da utilização desse método poder ser explicado pelo relacionamento entre texto e realidades, deriva igualmente de um desejo de encontrar

in the past real bodies and living voices, and if we knew that we could not find these – the bodies having long moldered away and the voices fallen silent – we could at least seize upon those traces that seemed to be close to actual experience. Literature seemed to us, as to many others, almost infinitely precious because its creators had invented techniques for representing this experience with uncanny vividness (GREENBLATT, 2005a, p. 37).

Nessa perspectiva, o foco na escrita se deve igualmente à procura de uma forma de análise literária que consiga tocar o real da mesma forma que produções literárias conseguem (GREENBLATT, 2005a, p. 37). Pesquisas recentes da Neurociência auxiliam a compreender porque esse tipo de estratégia, que procura reproduzir efeitos de vivacidade característicos da escrita literária na própria historiografia literária, é proveitoso para produção de conhecimento na historiografia literária, como proposto pelos *new historicists*.

#### 4.

Para reconhecer a potencialidade de produzir efeitos afetivos na historiografia literária, cabe lembrar que emoções são definidas pelo neurocientista António Damásio como conjuntos complexos de reações químicas e

neurais com a função de auxiliar um organismo a conservar sua vida ao preparar o corpo para responder a uma situação indutora (DAMÁSIO, 2000, p. 104). Elas são moldadas, em parte, por fatores culturais uma vez que, estes determinam o que constitui um indutor adequado de uma emoção, o tipo de expressão de uma emoção e a cognição e o comportamento decorrentes da mobilização de uma emoção (p. 115)<sup>5</sup>. Quando processos emotivos são tornados conscientes, eles “têm seu impacto máximo e os indivíduos também são capazes de refletir e planejar” (p. 118). Embora processos emocionais possam ser controlados por mecanismos racionais, estas também dependem das emoções, uma vez que elas impelem a procura por ações apropriadas para cada estímulo competente. Embora historiografias literárias não sejam consideradas normalmente como indutoras de emoções, ou mesmo tenham isso por objetivo, procurar produzir esse determinado tipo de efeito nada mais é do que explorar esse fator que surgiria de uma forma ou de outra, uma vez que todas as imagens percebidas ou evocadas são acompanhadas por alguma reação do aparelho da emoção (p. 119). Nesse sentido, as reações afetivas são relevantes na produção de conhecimento porque são elas que impelem à ação, que nos fazem responder ao mundo através do contato com a realidade.

A capacidade de trazer experiências passadas para o presente através da descrição densa pode ser compreendida através da noção de *as-if body loop*, conforme António Damásio (1999). Segundo esse princípio, o corpo, ao entrar em contato com alguma história sobre um determinado acontecimento, pode simular reações corporais similares àquelas tidas pela pessoa que passou pela experiência real. No caso específico de *The Swerve*, o conhecimento da recepção do poema de Lucrécio por Poggio pode ser simulada pelo leitor atual, que também sente as dúvidas possivelmente vividas pelo caçador de livros. O poema deixa de ser analisado apenas pelas representações do seu contexto passado, para adquirir novas dimensões, em que processos afetivos passam a ter relevância para sua

---

<sup>5</sup> Um dos casos que o levou a definir a importância dos fatores emocionais em processos cognitivos é o de David, um paciente com um grave distúrbio de aprendizado e memória que o impede de aprender qualquer fato novo. No entanto, diante de um experimento no qual ele interagiu com pessoas rudes, bondosas e neutras, após cinco dias consecutivos em ordem aleatória de interação, David se retraía diante de uma das pessoas que desempenhou o papel rude, mesmo sem ter a consciência da razão que o levava a ter tais reações. Quando questionado se havia algo de errado quando ele tinha essa reação, ele afirmava que estava tudo bem, uma vez que ele não teria explicações plausíveis para as reações corporais que tivera (DAMÁSIO, 2000).

compreensão. A estratégia de criar uma narrativa envolvente propicia a ocorrência desse “*as if*” e se conecta com a própria concepção de conhecimento histórico desenvolvido por Greenblatt, no que se refere à procura pelas formas como os textos foram lidos e ecoam seus contextos de produção em cada momento histórico como relevantes para a sua compreensão.

Em *The Rise and Fall of Adam and Eve*, Greenblatt também explora esse recurso ao citar as descobertas de Darwin como decisivas para desconstruir a possibilidade que a humanidade tenha descendido do casal bíblico. Para além de descrever as pesquisas do biólogo inglês, Greenblatt narra sua experiência ao visitar ao Harvard’s Peabody Museum of Archaeology and Ethnology. Enquanto ele observava os fósseis expostos, “I experienced something of the queasiness that has led scientists to question metaphors of human evolution as a steady and progressive development along a clearly defined branch” (GREENBLATT, 2017, p. 14). Essa espécie de náusea foi provocada pela imaginação do que cientistas teriam sentido pela primeira vez que se questionaram sobre o surgimento das espécies, em que o historiador procura reproduzir suas respostas afetivas no texto.

A teórica de literatura Katja Mellman, ao analisar a similaridade nas respostas emocionais às ficções e à vida cotidiana, contribui igualmente para a compreensão da relação entre afetos e produção de conhecimento. Em sua análise, sabendo que dispositivos literários provocam diferentes graus e ênfases de reações emocionais, a incompreensão de alguns desses códigos, por falta de familiaridade com eles, pode resultar em efeitos diversos dos esperados. Por exemplo, por não reconhecerem os dispositivos utilizados, “people nowadays may find abstract art boring, or the emphases of politically ‘engaged’ literature laughable” (MELLMAN, 2002, p. 8). De acordo com a estudiosa,

A by-product of the historical development is the fact that modern works of art are much more intertwined with the more general vocabulary of their period. The less our limbic system gets to do, the more we depend on being well-informed about contemporary symbols, cultural allusion, and social significances external to the text. As a result, modern art tends to become partially ‘obscure,’ because styles and fashions change quickly (MELLMAN, 2002, p. 8).

A historiografia literária, nesse caso, poderia auxiliar na compreensão de efeitos outrora sentidos e perdidos pela transformação geracional também como forma de

(re)conhecer realidades passadas. Nesse sentido, a tentativa de resgatar não apenas explicações, mas igualmente de provocar reações afetivas, no contato com anedotas que auxiliam no entendimento de produções literárias também seria uma vantagem do projeto de Greenblatt. A descrição densa, por possibilitar acessar um mundo passado, consegue dar significado a atos que podem ser considerados absurdos aos olhos atuais.

Além disso, emoções fornecem um tipo de entendimento específico, que pode ser proveitoso para o conhecimento da história literária, pressuposto explorado por Jenefer Robinson em seu livro *Deeper than reason: emotion and its role in literature, music, and art* (2005). Robinson destaca que a importância de respostas afetivas no contato com ficções literárias reside no fato delas chamarem a atenção para elementos importantes da narrativa, sabendo que “different people understand a text differently partly because of their different emotional responses to it” (p. 120). Esta hipótese é testada através da interpretação de uma cena do romance *Anna Karenina*, de Liev Tolstói, centrada na história da protagonista que abandona casa e filho para assumir uma relação amorosa. O leitor, em uma cena específica em que ela retorna para uma visita rápida ao filho abandonado, é compelido, através da construção narrativa, a responder com simpatia e compaixão ao sofrimento de Anna, a partir da compreensão das consequências das suas escolhas. Dessa forma, “it is through responding emotionally to this passage that we are made aware of the poignancy of her situation and thereby acquire a deeper, fuller understanding of the work” (ROBINSON, 2005, p. 111).

Ao propor uma diferenciação entre “entender” e “interpretar” ficções literárias, Robinson sugere que o possível choro na cena da visita ao filho, construída com procedimentos narrativos para provocar tristeza, corresponde a uma expressão inarticulada do entendimento da situação vivida pela personagem, isto é, expressa que a cena foi entendida como triste, mesmo que não se consiga explicar logicamente a causa do choro. Por outro lado, o desejo de descobrir os motivos da tristeza requer a interpretação da fonte daquela reação, uma vez que “experiences, feeling, and responses can then form the basis for a critical reading of the work. ‘The work’ is not just a set of words and their literal meanings, but descriptions, dialogue, etc., as experienced by the reader” (p. 124). O envolvimento afetivo, nesta ótica, torna-se essencial na interpretação de ficções.

A importância dessa pesquisa está em demonstrar como o envolvimento afetivo dos estudiosos com seus objetos de análise também integra seu entendimento, que consegue direcionar a atenção para aspectos relevantes da narrativa histórica. Além disso, “if my emotional reactions to the novel are strong enough, then they in turn may become encoded in emotional appraisal and bodily responses (somatic markers) and influence my thoughts and beliefs long after I finished the novel” (p. 116). Precisamente essa possibilidade pode ser compreendida como presente na escrita de história literária como proposta por Greenblatt. Ao estimular emoções através das anedotas, explorando recursos existentes nos textos literários, o corpo é ativado, aquela história teria maior força e durabilidade justamente por se utilizar dos efeitos emocionais em favor da produção de conhecimento. Por exemplo, no prólogo de *Hamlet in Purgatory* (2001), Greenblatt explicitamente afirma que sua escrita sobre Shakespeare seria como a “Renaissance conjurer. By the term ‘conjurer’ I simply mean someone who has the power to call forth or make contact through language with those things – voices, faces, bodies, and spirits – that are absent” (GREENBLATT, 2001, p.3). Com o objetivo de imergir na “tragedy’s magical intensity” (p. 4) uma vez que Shakespeare “possessed this power in a magical degree” (p. 3), Greenblatt, nesse sentido, reclama as reações provocadas pelas produções de Shakespeare como relevantes para seu entendimento e, conseqüentemente, necessárias em sua historiografia sobre o dramaturgo inglês. Mesmo sem citar o *as-if body loop* de António Damásio, utilizado por Mellman para explicar como ficções literárias provocam reações, ou mesmo a distinção entre entender e interpretar proposta por Robinson a partir do seu conhecimento das neurociências, Greenblatt tem por intenção que as reações afetivas sejam parte do conhecimento produzido. Seu estranhamento, na verdade, reside no fato que “my profession has become so oddly diffident and even phobic about literary power, so suspicious and tense, that it risks losing sight of – or at least failing to articulate – the whole reason anyone bothers with the enterprise in the first place” (p. 4). Isto é, a vivacidade de *Hamlet* que Greenblatt também quer explorar na sua interpretação da peça e, como as recentes pesquisas demonstram, além de justificado seu objetivo, tem um importante potencial para o campo da historiografia literária.

## 5.

Outro aspecto crucial na historiografia literária apresentada por Greenblatt é a reavaliação do tempo histórico advinda de sua concepção da relação entre texto e contexto como construtivo, da importância dadas às casualidades e da organização dos eventos analisados, que não se fixa em uma concepção linear e progressista. A importância dessa revisão deriva do fato da investigação das durações de eventos e fenômenos, indicadas por rupturas e durações, sucessões e simultaneidades, singularizar o campo disciplinar da história. A sua produção de conhecimento está intrinsicamente relacionada ao modo como historiadores atribuem significado a estruturas temporais, sendo suas propostas sobre o tempo histórico também possíveis de serem analisadas em relação às pesquisas recentes sobre percepção temporal e emoção nas neurociências.

Recorrente na prática *new historicist* é sua tentativa de identificar

those aspects of historical sequences that conduce to the breaking, revision, or weakening of the dominant codes – social, political, cultural, psychological, and so on – prevailing at specific times and places in history. Whence their interest in what appears to be the episodic, anecdotal, contingent, exotic, abjected, or simply uncanny aspects of the historical record (WHITE, 1989, p. 301).

Dessa forma, as anedotas, além de serem uma estratégia de escrita, colocam em destaque casualidades que produziram efeitos inesperados e irreversíveis como relevantes de serem avaliados em uma historiografia literária, tornando-se aspecto fundamental para compreender a sua especificidade em termos de tempo histórico. A ênfase dada por Greenblatt para a bela caligrafia de Poggio Bracciolini em *The Swerve* (2011) é uma dessas casualidades produtivas, uma vez que o humanista só pode redescobrir *Da natureza das coisas* porque sua letra possibilitou uma ascensão a postos elevados na burocracia italiana. Isto é, a caçada de Poggio não se explica apenas por motivos contextuais, como o desejo de se encontrar livros antigos naquele período, mas igualmente pela casualidade dele ter tido a possibilidade de reunir os atributos essenciais para ser um astuto e competente caçador de livros e humanista devido a sua função como secretário do Papa João XXIII, alcançada pelo acaso de sua caligrafia clara. Em outras palavras, para Greenblatt, uma sucessão de

casualidades possibilitou a redescoberta do poema de Lucrecio e a mudança subsequente no modo de se conceber o mundo:

The survival of the disciple's once celebrated poem was left to fortune. It was by chance that a copy of *On the Nature of Things* made it into the library of a handful of monasteries, places that had buried, seemingly forever, the Epicurean pursuit of pleasure. It was by chance that a monk laboring in a scriptorium somewhere or other in the ninth century copied the poem before it moldered away forever. And it was by chance that this copy escaped fire and flood and the teeth of time for some five hundred years until, one day in 1417, it came into the hands of the humanist who proudly called himself *Poggius Florentinus*, Poggio the Florentine (GREENBLATT, 2011, p. 109).

Igualmente por acaso, em *The Rise and the Fall of Adam and Eve* (2017), o jovem Milton se manteve casto, esperando se tornar completo quando encontrasse sua Eva, mesmo que em seu contexto o casamento fosse tratado como um negócio. Por um acaso, também, seu primeiro casamento foi traumático pelo abandono sofrido, deixando-o cada vez mais convencido da necessidade de se encontrar um parceiro que resolva a sua solidão, fazendo-o mesmo advogar a favor do divórcio como meio de impedir que casais infelizes e solitários fossem obrigados a viver juntos. Na interpretação de Greenblatt, esses acidentes permitiram que em *Paradise Lost* fosse construída uma imagem de casamento único na história literária e uma interpretação igualmente singular do mito de Adão e Eva.

Este foco nas casualidades, conforme analisado por Veesper, alcançado através de “amazing contortions” para evitar equações causais e determinísticas, teria como princípio a promoção de “surprising coincidences” (VEESER, 1989, p. xii), “threatening all defenders of linear chronology and progressive history, whether Marxists or Whig optimists” (p. xv). Nesse sentido, privilegiando uma noção de temporalidade repleta de acasos indetermináveis *a priori*, conforme analisa Hayden White (1989), os *new historicists* revisam uma estrutura fundamental da historiografia literária, baseada na progressão dos eventos e vislumbrada pela explicação de tipo causa e consequência. Enquanto a História Literária de cunho formalista pressupõe uma sequência de períodos históricos, autores, obras, gêneros, em que o efeito explanatório é construído em função da classificação progressiva de entidades históricas, em contraste, o *New Historicism* propõe uma forma alternativa de sequencialidade histórica a fim de elaborar

momentos distintos discerníveis retrospectivamente, mas imprevisíveis. Essa revisão derivada igualmente de sua ênfase em análises sincrônicas, através do relacionamento de produções literárias com sistemas culturais complexos, que, por sua vez, possibilita a incorporação de efeitos de surpresa como presentes na produção de conhecimento histórico literário. Em outras palavras, o favorecimento das casualidades também teria esse papel de provocar reações de surpresas, efeitos, portanto, afetivos diante dos fatos apresentados.

Nesta sua ênfase aos acidentes, desafiando explicações apenas causais, as práticas *New Historicists* possuem afinidades com as questões levantadas pelo neurocientista David Eagleman sobre percepção temporal. Em seu artigo “Brain Time” (2009), o neurocientista analisa a construção de relações temporais como intrinsecamente subjetivo, procurando compreendê-la a partir da seguinte anedota:

At some point, the Mongol military leader Kublai Khan (1215–94) realized that his empire had grown so vast that he would never be able to see what it contained. To remedy this, he commissioned emissaries to travel to the empire's distant reaches and convey back news of what he owned. Since his messengers returned with information from different distances and traveled at different rates (depending on weather, conflicts, and their fitness), the messages arrived at different times. Although no historians have addressed this issue, I imagine that the Great Khan was constantly forced to solve the same problem a human brain has to solve: what events in the empire occurred in which order? (EAGLEMAN, 2009, p. 2)

Da mesma forma que o líder Kublai Khan teve que encontrar mecanismos para organizar temporalmente as mensagens enviadas pelos emissários, o cérebro também procura a melhor forma de ordenar as diversas informações sensoriais recebidas – audição, visão, toque, etc. – através de sinais elétricos que viajam em velocidade e processamento distintos. A noção de tempo como fenômeno unitário deixa de fazer sentido pela consciência de que ele possui diferentes percepções de duração. Semelhantemente, a proposta de historiografia literária de Greenblatt passa a questionar a tradicional percepção de que o tempo histórico seria algo uniforme e singular, simbolizado na metáfora do rio que flui, e que homogeneiza eventos e fenômenos em ficções cronológicas com datas de início e fim de estilos, movimentos e escolas. Partindo dessa atmosfera intelectual de ceticismo em relação a uma concepção causal, linear e progressiva do tempo, manifesta-se preferências por estruturas de caráter mais dissipativo na abordagem do literário, lançando nova

luz às formas de pensar e dar significado ao tempo, principalmente pela relevância dada por esses pesquisadores ao papel de processos afetivos na percepção temporal e por colocarem o próprio indivíduo, como um organismo complexo que depende da interação entre corpo-cérebro-mente-meio-ambiente.

Precisamente por essa concepção alternativa de temporalidade, é possível que em sua historiografia também sejam analisados outros aspectos, como em *The Swerve* e o exame das recepções do poema de Lucrécio, como as do político romano Cícero (106 - 43 a.C.) e dos poetas romanos Virgílio (70 - 19 a.C.) e Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.). Além dessas recepções iniciais, Greenblatt indica diversos outros contatos com o poema como o de São Jerônimo (340-420), que jejuava para poder ler o poeta pagão. O sacerdote e historiador cristão registrou algumas notas biográficas sobre Lucrécio, como uma possível loucura, causada por uma poção, que teria motivado o suicídio do poeta aos 44 anos. Esta história inspirou um famoso poema vitoriano de Alfred Tennyson (1809-1892), no qual o escritor inglês procurava ouvir a voz do poeta louco. A referência a este e tantos outros poetas modernos que se inspiravam em Lucrécio ou no epicurismo sinaliza a potencialidade das ideias desenvolvidas no poema em diversas épocas, mesmo que com efeitos singulares para cada momento histórico.

Greenblatt também traça a relação entre o poema e o pensamento de Epicuro, considerado o “messias filosófico” de Lucrécio, uma vez que ambos pensavam o universo como composto por minúsculas partículas, crença que os levava a experimentar enorme prazer da existência humana. Greenblatt explica que, “for us, the impact is rather difficult to grasp. For one thing, the pleasure seems too intellectual to reach more than a tiny number of specialists; for another, we have come to associate atoms far more with fear than with gratification” (GREENBLATT, 2011, p. 75). Nesta explicação, Greenblatt preocupa-se em rastrear as ideias compartilhadas por Lucrécio e Epicuro, mas também em entender como elas eram experienciadas naquele tempo em comparação com possíveis experiências na atualidade. Cabe ressaltar que a relação entre Lucrécio e o epicurismo não é tida como determinante para a emergência do poema, estando em sintonia com sua proposta de complexificação do contexto de produção. Esta relação é considerada mais um fio na rede que ele trama em sua abordagem sobre o poema. Seguindo essa premissa, em *The Swerve*, o poema *Da Natureza das*

*Coisas* é abordado não apenas em relação à sua escrita por Lucrécio ou à sua redescoberta no século XV por Poggio, mas também nas diversas formas de sua recepção ao longo do tempo, construindo uma complexa história, permeada por entrelaçamentos espaço-temporais, por vezes, inusitados. Em *The Rise and Fall of Adam and Eve*, sua própria narrativa é baseada no entrelaçamento de diversos períodos históricos e suas implicações nas análises do mito. Não há um sentido oculto para ser descoberto, mas interpretações que se sucedem e retornam, permitindo a ascensão e queda da história de Adão e Eva, sintetizados principalmente no estranhamento de Greenblatt sobre o momento de maior realidade do casal ser, contraditoriamente, o que permitiu a sua queda.

## 6.

Focando na análise sincrônica proposta por Greenblatt, outra característica relevante é a indicação da obra de arte como produto de uma negociação entre um criador ou uma classe de criadores, que compartilham uma série de convenções. Nesse sentido, em “Towards a poetics of culture” (1989), Greenblatt afirma que, “in order to achieve the negotiation, artists need to create a currency that is valid for a meaningful, mutually profitable exchange” (GREENBLATT, 1989, p. 12). Sua abordagem histórica do literário propõe um método de construção de conhecimento histórico que mescla ferramentas de discursos disciplinares de história, referenciando a contextos de produção no sentido mais usual de aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais, mas igualmente procura rastrear essas redes de negociações e trocas que possibilitaram a emergência e a circulação de determinada obra – no caso do poema de Lucrécio, a sobrevivência da mesma. Os textos são entendidos como bens culturais e simbólicos que circulam na sociedade por via de negociações e trocas, que contribuem para distribuir energia social e para intensificar o reconhecimento das experiências relacionadas aos textos (VEENSTRA, 1995, p. 174). Como indica Veenser, negociação envolve dinheiro, mas também conhecimento e prestígio, por isso se torna relevante de ser analisado (VEESER, 1989, p. xiv).

O entendimento de um texto pela sua rede de trocas e negociações possui uma concepção ampliada para Greenblatt, como fica patente na descrição da

redescoberta do papiro do poema em uma biblioteca no pequeno balneário de Herculano, na atual Itália. Destruído pela explosão do vulcão do monte Vesúvio em 79, esse lugar ficou esquecido até a descoberta, no século XVIII, de estátuas de mármore durante a escavação de um poço (GREENBLATT, 2011, p. 54), mas a descoberta do próprio papiro só ocorreu na década de 1980, quando “modern archaeologists resumed serious work on the buried villa, in the hopes of gaining a better understanding of the whole style of life expressed in its design” (p. 63). Essa narrativa é intercalada com episódios pontuais, tais como a própria arte dos papiros e sua significância nas culturas gregas e romanas, elementos igualmente significativos para o entendimento do poema e para a longa história de sua sobrevivência.

Nesse sentido,

Through their ability to construct resonant stories, their command of effective imagery, and above all, their sensitivity to the greatest collective creation of any culture – language – literary artists are skilled at manipulating this economy. They take symbolic materials from one zone of the culture and move them to another, augmenting their emotional force, altering their significance, linking them with other materials taken from a different zone, changing their place in a larger social design (GREENBLATT, 2005b, p. 15).

Sua estratégia, portanto, também demonstra como o conhecimento histórico de produções literárias pode ocorrer não apenas pela decifração do conteúdo desenvolvido em determinado momento de produção, mas a compreender a sua circulação como determinante ao seu entendimento e como sua força emocional pode alterar seus contextos de circulação. O método de uma descrição densa, mesclado com a percepção de detalhes de conduta e mentalidade de habitantes e pesquisadores, atravessados por interesses distintos que se relacionam com esses materiais, torna-se visível na seguinte passagem:

The renewed exploration got off to a slow start: the rich volcanic soil covering the site was used to grow carnations, and the owners were understandably reluctant to permit excavators to disrupt their business. But after lengthy negotiations, researchers were permitted to descend the shafts and approach the villa in small gondolalike craft that could glide safely through tunnels that had been bored through the ruins (GREENBLATT, 2011, p. 63-4).

Os diferentes significados simbólicos das descobertas arqueológicas tornaram necessárias uma negociação entre eles para que a redescoberta do papiro pudesse ser efetuada. A própria materialidade do texto, que poderia ter sido destruída ou perdida, também é considerada um elemento na rede estabelecida ao seu redor.

Para Greenblatt, a preocupação do historiador com a análise da circulação de um texto não minimiza a importância de práticas interpretativas, mas, ao contrário, acentua que estas interpretações surgem precisamente da observação dos “hidden places of negotiation and exchange” (GREENBLATT, 1989, p. 13). Este tipo de estratégia permite ser relacionado com processos afetivos que atuam no entendimento de uma obra. No caso do poema de Lucrécio, Greenblatt, através da compilação de diversos fatos transformados em anedotas interessantes, demonstra como ele foi trocado, sentido, lido de diversas formas, chegando mesmo a influenciar o pensamento moderno. Para além das diversas leituras e releituras, a rede de acidentes e casualidades inseridas em sua narrativa sugere uma consideração de conhecimento histórico enriquecido pela inserção de afetos, resultando em uma narrativa agradável, que, ao mesmo tempo, é informativa e transformadora.

Em *The Rise and Fall of Adam and Eve*, baseado na premissa que a história de Adão e Eva “addresses who we are, where we came from, why we love and why we suffer” (GREENBLATT, 2017, p. 8), Greenblatt aborda alguns momentos considerados primordiais no entendimento do mito, que possibilitaram sua ascensão e queda. Em vez de um compilado aleatório de leituras diversas, o estudioso traça como linha de raciocínio a importância desse mito, desde sua constituição, passando para sua centralidade no entendimento do relacionamento entre os seres humanos, até o momento de sua queda com os questionamentos da possibilidade de toda a humanidade ter descendido do casal fundador. Nesse sentido, sua pergunta subjacente é “how does something made-up become so compellingly real?” (p. 8), ratificando a importância das histórias (*stories*) no nosso contato com o mundo e na possibilidade de mitos serem vivenciados como reais. Afinal, “at some moment in an immensely distant past it was a breath that brought Adam to life, the breath of a storyteller” (p. 20).

Com o objetivo de reconstruir esses sopros que tornaram Adão e Eva reais, um aspecto levantado é a impossibilidade de descobrir o primeiro impulso da

imaginação de um jardim paradisíaco habitado por um casal criado a imagem e semelhança de Deus. Também não é possível descobrir quando a história foi primeiramente registrada, embora a maioria dos acadêmicos concorde que a forma atual tenha surgido no século VI a.C. (p. 24). Além disso, assim como em *The Swerve*, o mito de Adão e Eva também é abordado pelos materiais usados para registrá-lo. Greenblatt analisa o encontro de um manuscrito enterrado, o Evangelho de Tomás, por um camponês egípcio em 1945, que apresenta uma versão singular e herética do mito, provável razão de ter sido escondido, no qual o casal teria causado inveja a Deus, sendo Eva a verdadeira heroína da história por mostrar a Adão um mundo de conhecimento (p. 66). Greenblatt narra como esse importante manuscrito, por desconhecimento, foi parcialmente queimado para aquecer a família do camponês.

Na interpretação de Greenblatt, tão importante quanto a história em si, são as suas interpretações, que podem tanto crucificar quanto redimir o casal fundador. Santo Agostinho teria um papel primordial no entendimento do mito por sua interpretação de que para a humanidade seria melhor acreditar que deve sofrer pelo crime cometido por distantes ancestrais do que acreditar na indiferença de Deus (p. 102). Embora tenham existido interpretações concorrentes, elas foram acusadas de heréticas e seus autores condenados. Dois exemplos citados são o caso do monge Pelagius, que acreditava que todos os seres humanos nasciam inocentes, tornando-se pecadores por imitação (p. 105) e, por volta de 420, Julian of Eclanun propunha que o sexo, em vez de ser uma perversão, era natural, saudável (p. 107), enquanto para Agostinho nossa forma de reprodução foi corrompida e tornada um pecado por Adão e Eva (p. 108). Outra estratégia similar ao livro *The Swerve* é a tentativa de explicar o pensamento de Agostinho aos olhos atuais, como no exemplo a seguir sobre os prováveis pensamentos dele sobre o órgão sexual masculino, mesclando perspectivas passadas e presentes:

How weird it is, Augustine thought, that we cannot simply command this crucial part of the body. We become aroused, and the arousal is within us – it is in this sense fully ours – and yet it is not within the executive power of our will. The stiffening of the penis or its refusal to stiffen depends on the vagaries of a libido that seems to be a law unto itself. It was characteristic of Augustine age and indeed of his whole age to think about sex in male terms, but he was certain that women must have some

equivalent experience to male sexual arousal (GREENBLATT, 2017, p. 115).

As reflexões de Agostinho, portanto, são inseridas num amplo sistema cultural a fim de tornar aquela reflexão compreensível para leitores atuais. É possível, por algum momento, esquecer do conhecimento adquirido sobre a sexualidade masculina e feminina para tentar presentificar as aflições de Agostinho sobre este assunto.

A reunião de temporalidades, além de ser um recurso explicativo, é considerado por Greenblatt como algo usual em determinados períodos. Por exemplo, ao analisar a situação política na Inglaterra do século XVII, ele afirma que,

In period of political and social unrest, time has a strange way of buckling, with the present seeming to collapse into the past or the past bursting its containment and inhabiting the present. It was not only biblical figures who suddenly became contemporaries. In the wake of the Renaissance in Italy, it was often the classical, pagan past that surged up (GREENBLATT, 2017, p. 190).

Nesta passagem, Greenblatt se refere à coexistência da ascensão dos Quakers, dissidentes religiosos e ardentes leitores do mito de Adão e Eva, no período em que também acendia a curiosidade ao mundo pagão, como usualmente se caracteriza o Renascimento (p. 190). Nesse sentido, não há um fluxo pré-determinado e linear, em que o passado é sucedido pelo presente, mas as informações e eventos se mesclam e concatenam de formas inesperadas.

Essa construção que destaca os desvios existentes na concepção linear progressiva de eventos coloca em questão a própria preponderância de explicações casuais na construção de conhecimento histórico literário, sugerindo uma noção de temporalidade histórica alinhada com a noção construtiva de tempo conforme descrita por Eagleman. Sabendo que tempo, “just like vision, is a construction of the brain and is shockingly easy to manipulate experimentally” (EAGLEMAN, 2009, s/p), a percepção linear é apenas uma forma de construir percepção temporal. Essa noção construtiva do tempo chama atenção igualmente para o caráter poético do conhecimento histórico literário, em que novas estruturas e processos de sequencialidade histórica são admitidos como relevantes para a produção de conhecimento histórico literário. Relaciona-se com esse fato a elasticidade de métodos presentes na pesquisa *New Historicist*, marcada, de acordo com Payne, por

uma “epistemophilia that is determined to find endless pleasure in what it studies and a constantly renewable source of delight in story-telling and in its capacity thereby to keep the past alive” (PAYNE, 2005, p. 6). Realidades passadas, portanto, trazem sempre novas experiências a cada momento em que o amor pelo conhecimento enseja novas buscas, histórias e experiências, além de abrir caminho para que novas estruturas possam fazer parte desse relacionamento profissional com o passado.

Ao assumir uma percepção temporal construtiva, com o apoio de pesquisas das Neurociências, cabe igualmente refletir sobre os diferentes modos possíveis de organização dos fatos e eventos destacados. No caso das Neurociências, para Eagleman, a mesma questão se coloca da seguinte forma:

if the brain collects information from different senses in different areas and at different speeds, how does it determine how the signals are supposed to line up with one another? (...) the best way to predict the expected relative timing of incoming signals is to interact with the world: each time you kick or touch or knock on something, your brain makes the assumption that the sound, sight, and touch are simultaneous. (EAGLEMAN, 2009, p. 6).

Primeiramente, nesse sentido, pressupõe-se que a estrutura temporal vai sendo organizada diante do contato com o mundo externo, deixando de ter uma existência autônoma. Essa percepção dialoga com a análise do tempo como fenômeno relacional proposto por Michal Klincewicz em “Understanding perception of time in terms of perception of change” (2014), uma vez que eventos precisam ter ocorrido de formas diferentes para serem comparados e relacionados. Nesse sentido, ter consciência do tempo é ter consciência das redes que existem nele, pois, “when we become aware of the temporal mental qualities that feature in our perceptions, we become aware of the network of relations on the one-dimensional temporal quality space” (KLINCEWICZ, 2014, p. 5). Semelhantemente, a proposta de Greenblatt enfatiza as redes desenvolvidas através de um fio, a anedota que conecta realidades passadas, presentes e possibilidades de futuro, construídas na medida em que tais fios vão se entrelaçando.

Processos afetivos e emocionais possuem papel fundamental na organização e relacionamento desses fios conforme analisa Patrick Hogan em *Affective Narratology. The Emotional Structures of Stories* (2011). Em sua hipótese, o entendimento da organização temporal de uma história (*story*) tem por

base o exame detalhado de uma “division of subnarrative temporality”, em que a história é fragmentada em incidentes, eventos e episódios, o que permite compreender que “our experience of time is not uniform. We encode experience into hierarchized units, organizing temporality first of all by references to emotional response” (HOGAN, 2011, p. 66).

Nesse sentido, acontecimentos incidentais são estudados como unidades mínimas na estrutura temporal e abordados como pontos focais de respostas emocionais de uma história (*story*), são transformados em eventos através da memória, de ligações com incidentes passados e de projeções para o futuro. Pela incorporação de respostas emocionais diante desses fragmentos, através de explanações e julgamentos mais elaborados, tais eventos são transformados em episódios. Entendido como unidade mínima de explicação existencial, um episódio é concluído quando consegue reestabelecer uma normalidade diante do que foi narrado, transformando-se, sequencialmente, em uma história (*story*) (p. 66). Com base nas descobertas de António Damásio, Hogan enfatiza o papel da emoção no estabelecimento de conexões entre essas unidades temporais, pois, para ele, são as respostas emocionais que direcionam a atenção para os incidentes e ajudam a construir relações de durações e mudanças<sup>6</sup>.

Semelhantemente, Greenblatt não apenas une diversas curvas temporais, mas também baseia a sua organização em respostas emocionais pela própria forma como essas múltiplas temporalidades são justapostas e relacionadas. Devido ao fato da relação do ser humano com o tempo deixar de ser construída apenas pelo viés explicativo de cunho causal, abre-se espaço para a atuação de processos afetivos na própria construção de entendimento histórico da literatura.

De certa forma, Greenblatt já dispensava atenção ao papel de processos afetivos e emocionais na produção de conhecimento histórico de produções ao ressaltar a distinção entre ressonância e encantamento em seu texto “Resonance and Wonder” (1990). Enquanto ressonância se refere ao poder de determinados objetos de atravessar suas fronteiras formais e evocar a presença de dinâmicas e complexas forças culturais do qual ele emergiu, o encantamento é um prazer advindo do

---

<sup>6</sup> Nesse modelo, a ficcionalidade dos incidentes é considerada irrelevante porque as respostas emocionais são geradas por memórias emocionais e por imagens “concretas” experienciadas por simulações advindas do contato com os eventos narrados, e não por inferências (p. 56).

respeito e admiração pela engenhosidade de uma obra, despertando um senso de singularidade e atenção, isto é, um prazer derivado de reações afetivas do espectador/leitor. O encantamento desperta no leitor surpresa, admiração, deleite, sendo que “it is one of the distinctive achievements of our culture to have fashioned this type of gaze, and one of the most intense pleasures that it has to offer” (GREENBLATT, 1990, p. 53). É considerado importante na relação com produções literárias, perspectiva que dialoga com pesquisas que ressaltam a importância de um envolvimento afetivo na interpretação e entendimento do literário. O encantamento na terminologia de Greenblatt faz parte não apenas de um contato não especializado com determinado texto, mas crucial para especialistas que pretendem produzir conhecimento sobre ele. Por isso, o prefácio de *The Swerve*, em vez de ser apenas mais uma anedota dentre as várias que compõem o livro, demonstra que o texto continua a ser um estímulo competente, capaz de desencadear processos afetivos, sendo estes importantes para o seu entendimento e que as reações afetivas, mais do que um estopim para a pesquisa de Greenblatt, são consideradas como parte da rede de circulação e negociação devido à sua perspectiva de que textos como o poema, permanecem vivos, isto é, a história não é algo que passou, mas que se vive e se sente continuamente. De acordo com isso,

it is generally easier in our culture to pass from wonder to resonance than from resonance to wonder. In either case, the goal – difficult but not utopian – should be to press beyond the limits of the models, cross boundaries, create strong hybrids. For both the poetics and the politics of representation are most completely fulfilled in the experience of wonderful resonance and resonant wonder (GREENBLATT, 1990, p. 54).

Dialogando com Hogan, o estudioso demonstra que a organização de histórias tem um componente afetivo, cabendo ao historiador aproveitar esse espaço inerente à organização temporal.

Uma bela imagem evocada por Greenblatt em *The Swerve* é a dos “dentes do tempo”, usada para simbolizar a fragilidade material dos papiros e das tintas utilizadas para marcá-los, como também os dentes reais das traças, insetos que se alimentam de papel. Dos dentes simbólicos, há também as próprias modificações socioculturais ocorridas, como a ascensão do cristianismo e a destruição de elementos da cultura pagã, significando a morte de um modo de vida (GREENBLATT, 2011, p. 86).

Mesmo diante dos diversos dentes do tempo que poderiam ter impossibilitado o ressurgimento do poema de Lucrecio, o título do livro indica a crença de Greenblatt na potência das contingências e casualidades. Ele retoma o termo “swerve” (virada) do próprio Lucrecio, que o empregava no sentido de ínfimos movimentos que detonam uma série incessante de colisões, em que esses infinitos confrontos e combinações ao longo de um intervalo de tempo ilimitado fazem do mundo o que ele é (p. 161). De acordo com Montrose,

representations of the world in written discourse are engaged in constructing the world, in shaping the modalities of social reality, and in accommodating their writers, performers, readers, and audiences to multiple and shifting subject positions within the world they both constitute and inhabit (MONTROSE, 1989, p. 16).

O argumento reforça o caráter construtivo e não reconstrutivo e representativo do discurso histórico.

Ao relatar as pequenas casualidades e conjunturas que permitiram a sobrevivência do poema, mesmo diante dos “dentes do tempo”, o livro permite compor um olhar renovado sobre o estudo de ficções literárias em perspectiva histórica. Não se trata de uma narrativa única e linear, mas ela se constrói a partir de uma rede de eventos, ressonâncias diversas e encantamentos potentes, que possibilitaram que o texto de Lucrecio pudesse chegar aos olhos de um curioso pesquisador.

Da mesma forma, em *The Rise and Fall of Adam and Eve*, Greenblatt explora a potência de um mito em construir nossas relações. Todas essas suas preocupações e objetivos foram concatenados em uma narrativa envolvente e prazerosa, promovendo a manutenção de afetos decorrentes do contato com os fenômenos literários no seu próprio fazer escritural, conectado com uma visão específica de temporalidade histórica. Greenblatt procura construir uma “ressonância encantada”, ou um “encantamento ressonante” (GREENBLATT, 1990, p. 54), projeto que dialoga com a importância de aspectos afetivos na compreensão de fenômenos literários e culturais, possibilitando importantes reflexões sobre a presença de acentos afetivos em histórias literárias.

Mesmo quando um fenômeno é analisado pela sua presença em outro período sócio-histórico, quando ele faz emergir uma curiosidade sobre o momento

em que ele foi produzido e sobre os acidentes e contingências que permitiram sua sobrevivência, o encantamento decorrente do contato com os textos também é considerado relevante para a sua compreensão. Greenblatt e os estudiosos do *New Historicism*, nesse sentido, combatem a perspectiva de análise histórica que vê um fenômeno como apenas circunscrito ao seu contexto de produção, desconsiderando as reações afetivas causadas e que serão produzidas posteriormente como integrantes para uma produção de conhecimento histórico literário, unindo ressonância e encantamento no contato com estruturas temporais diversas.

## 7.

Louis Montrose adverte que “a primary task for the teacher of a new historical criticism must be to disabuse students of the notion that history is what’s over and done with; to bring them to understand that they themselves live in history, and that they live history” (MONTROSE, 1989, p. 25). Em *The Swerve*, esta concepção é desenvolvida pela inserção de mais um fio na rede interpretativa do poema: a descoberta feita por um estudante da Universidade de Yale, que procurava uma leitura de férias e que se interessou por um pequeno livro que custava míseros dez centavos. Stephen Greenblatt é mais um leitor afetado pelo poema de Lucrécio.

Em seu prefácio, Greenblatt explicita sua relação com o poema de Lucrécio, comprado ao acaso, cujo único objetivo era o prazer da leitura de férias, mas que o afeta profundamente, em um primeiro momento, devido a circunstâncias pessoais. O cerne do poema “is a profound meditation, therapeutic meditation on the fear of death, and that fear dominated my entire childhood” (GREENBLATT, 2011, p. 3). Como sua mãe temia pela sua própria vida e pela dos seus filhos após o falecimento prematuro de sua irmã, fazendo com que qualquer despedida, mesmo a rotineira ida para a escola, tivesse uma gravidade desproporcional, o medo da morte se tornou experiência de trauma, afetos e afetações, e

Lucretius’ words therefore rang out with terrible clarity: ‘Death is nothing to us.’ To spend your existence in the grip of anxiety about death, he wrote, is mere folly. It is a sure way to let your life slip from you incomplete and unenjoyed. He gave voice as well to a thought I had not yet quite allowed myself, even inwardly, to articulate: to inflict this anxiety on other’s is manipulative and cruel (GREENBLATT, 2011, p. 5).

A primeira fonte de força do poema, para o pesquisador, foi o seu próprio tema, em que suas experiências passadas o ajudaram a entender não apenas racionalmente, mas com suas próprias reações afetivas, a potência do texto de Lucrecio. No entanto, ele não deixa de afirmar o papel da linguagem na fruição estética, como ele constata após entrar em contato com a versão original do poema:

I am committed by trade to urging people to attend carefully to the verbal surfaces of what they read. Much of the pleasure and interest in poetry depends on such attention. But it is nonetheless possible to have a powerful experience of a work of art even in a modest translation, let alone a brilliant one (GREENBLATT, 2011, p. 2-3).

Somado ao encantamento pessoal, está sua perplexidade diante da complexidade articulada no texto de Lucrecio, escrito há mais de dois mil anos, sobre temas como o mundo, a vida e a morte.

Nesse prefácio, aparece o seu próprio medo de que esse poema pudesse ter desaparecido para sempre: “a random fire, an act of vandalism, a decision to snuff out the last trace of views judged to be heretical, and the course of modernity would have been different” (p. 7). Seu temor, além de derivar da sua hipótese de que o poema ajudou a moldar o pensamento moderno, como fica patente neste prefácio, também é resultado da importância que ele adquiriu para o pesquisador por suas circunstâncias pessoais.

O curto prefácio do livro, portanto, adiciona outra rede de interpretação através das reações afetivas desencadeados pelo contato com o poema, que foi transformado também em método de análise histórica, uma vez que *Da natureza das coisas* teria tido um papel fundamental nas transformações que propiciaram a emergência do pensamento moderno. Além da importância histórica, como desenvolvido em sua pesquisa, sua confissão de aspectos pessoais demonstra como o texto permanece vivo e funcionando como um estímulo de reações afetivas. Precisamente essa consciência se torna um dos cerne em *The Rise and Fall of Adam and Eve*, em que o exame das diversas recepções da história bíblica é entremeado pela ênfase de seu papel na configuração do relacionamento, por exemplo, entre homens e mulheres, entre seres humanos e Deus.

Seguindo a mesma estratégia de exploração das experiências vividas do pesquisador, este livro também apresenta um prólogo narrando a sua ida à sinagoga

durante a infância. A necessidade de manter a cabeça baixa durante a pregação do rabino porque, naquele momento, Deus estaria passando por suas cabeças e quem o visse morreria, instigou curiosidade em Greenblatt de ver a face de Deus, valendo o sacrifício da vida, seguindo pela frustração de não ver nada quando finalmente toma coragem de infringir a regra. Esta anedota, muitos anos depois, sintetiza seu fascínio pelo poder de histórias inventadas em darem sentido à vida, compreendendo que “the term ‘lie’ is a woefully inadequate description of either the motive or the content of these stories, even at their most fantastical” (GREENBLATT, 2017, p. 2).

O epílogo de *The Rise and Fall of Adam and Eve* também sintetiza um momento de autorreflexão, que tem como ponto de partida a sua ida para um parque nacional em Uganda para observar os chimpanzés, “in pursuit of that dream, or rather in search of any traces of the Bible story that might be found in what, after Darwin, is now thought to be the actual origins of our species” (p. 287). Essa sua viagem também é encapsulada na anedota de um chimpanzé, que perdendo o lugar de autoridade no bando, transgredir normas estabelecidas para se encontrar furtivamente com uma fêmea, sendo que “through violating the will of the supreme ruler and risking punishment, they had become a couple” (p. 302). A história de Adão e Eva igualmente é compreendida com um ato de transgressão que “determined the shape of our lives. The Adam and Eve story insists that our fate, at least at the beginning of time, was our own responsibility” (p. 299). Uma ideia tão potente que, na perspectiva de Greenblatt, consegue ser encapsulada em uma narrativa curta e fonte de inúmeras controvérsias ao longo dos séculos de sua existência. Portanto, as diversas interpretações do mito de Adão e Eva

remain a powerful, even indispensable, way to think about innocence, temptation, and moral choice, about cleaving to be a beloved partner, about work and sex and death. They are unforgettable embodiments at once of human responsibility and of human vulnerability. They convey with exceptional vividness the possibility of deliberately choosing in the pursuit of knowledge to disobey the highest authority or, alternatively, the possibility of being seduced into making a foolish choice whose catastrophic consequences will be felt for all time. They hold open the dream of a return somehow, someday, to a bliss that has been lost. They have the life – the peculiar, intense, magical reality – of literature (GREENBLATT, 2017, p. 284).

Ao serem definidas como “unforgettable embodiments,” as histórias, no sentido empregado por Greenblatt, além de serem compreendidas por seu conteúdo e relacionamento com contextos históricos, por seu caráter produtivo, igualmente possuem a capacidade de produzir reações afetivas, i.e., incorporações como uma de suas potencialidades. Essa concepção se relaciona com as considerações de António Damásio sobre memória, em que um objeto é mais facilmente memorizado quando provoca reações afetivas (DAMÁSIO, 2000). As narrativas, pela possibilidade de serem incorporadas, isto é, de provocarem reações afetivas mapeadas pelo cérebro, conseguem ser quase inesquecíveis. Por levar em consideração essa potência afetiva das narrativas, que ajudam na própria interação com o mundo, Greenblatt pode afirmar que, sem narrativas, “our existence would in fact be diminished” (GREENBLATT, 2017, p. 284), conclusão similar à proposta por Damásio, quando ele analisa especificamente a relação entre afetos e a mente cultural humana (2018). Para o neurocientista, os afetos são as fagulhas que permitiram aos humanos criar culturas, uma forma criativa de regulação da vida.

Esta sua concepção da capacidade afetiva das narrativas, como explicitado, possui relação com as pesquisas de Robinson sobre o potencial cognitivo das emoções no entendimento de narrativas literárias. Ao definir emoção como um processo de interação entre organismo e seu ambiente, ela dá ênfase ao fato que,

when human beings have an emotional response to something in the (internal or external) environment, they make an *affective appraisal* that picks that thing out as *significant to me* (given my wants, goals, and interests) and requiring *attention*. This affective appraisal causes *physiological changes*, *action tendencies*, and expressive gestures, including characteristics *facial and vocal expressions*, that may be subjectively experienced as *feelings*, and the whole process is then modified by *cognitive monitoring*. (...) Cognitive monitoring may confirm or disconfirm affective appraisals (ROBINSON, 2005, p. 113).

As emoções provocadas pelas narrativas, lembrando experiências passadas e focalizando alguns de seus aspectos, portanto, também são uma forma de compreensão da vida. Greenblatt explora esse aspecto ao entender o potencial da capacidade afetiva de narrativas literárias e históricas como incontrolável, ao mesmo tempo que constitui uma forma fundamental de interação não só com os textos, mas igualmente com o mundo.

Enfatizar sua relação pessoal igualmente dá relevo ao pressuposto que o conhecimento histórico, “which has achieved a high level of autonomy in the late twentieth century, are a profound part of the subjectivity of some scholars and do not in all cases require political ignition” (GALLAGHER, 1989, p. 46). Em *The Swerve*, por exemplo, Greenblatt salienta seu amor por Shakespeare e pela Renascença, seu encantamento pelo poema de Lucrecio, transformando sua afetação em um fio na interpretação proposta. A inclusão dessa dimensão afetiva, pessoalizada no primeiro momento, desenvolve-se em um reconhecimento da própria recepção do pesquisador como um traço relevante no entendimento do poema e em uma inclusão de outros afetos como relevantes em sua proposta de produção de conhecimento em perspectiva histórica. Esse aspecto se relaciona com as proposições de Damásio sobre a impossibilidade de pensar em produções de conhecimento sem levar em consideração a subjetividade dos pesquisadores, entendendo-a como fruto de processos biológicos complexos.

A historiografia literária, sendo considerada como um texto que poderia se beneficiar da produção de afetos e emoções, é reavaliada por Greenblatt em “What is Literary History?” (1997) por sua capacidade de cooptar o literário em um sistema, que organiza, interpreta, e ensina traços textuais. Considerando que “the history of professional interpretive communities is only one fragment of the history of literature” (GREENBLATT, 1997, p. 470), Greenblatt enfatiza a inexistência de ferramentas adequadas nesse campo para compreender alguns de seus aspectos, como uma resistência do literário às interpretações profissionais (p. 470). Por essa sua qualidade, seria impossível uma forma única de escrever histórias literárias (p. 470), embora ele não acredite que muito progresso tenha sido feito desde Francis Bacon. Mesmo que o filósofo não use o sentido de literatura empregado atualmente, ele propõe uma história do aprendizado através da sequencialidade causal em perspectiva comparada, “so that one can set the natural dispositions’ and ideological structures of one society against another” (p. 472). Uma historiografia literária alternativa, centrada na listagem de autores famosos, seria igualmente insuficiente e apesar do sentido de democratização do campo, contra o modelo aristocrático da retórica como pode ser visto em Gustave Lanson, tornou-se em um sistema de certificação do status de seus profissionais (p. 481). Nesse sentido, para Greenblatt, “it is almost impossible to separate the literature we teach from this system, a

system that is the successor of other, earlier institutional structures in which literature played a comparable part” (p. 480). O literário desafia os profissionais dedicados a analisá-lo porque ele é “powerful precisely because it carries the traces of those who are now only ghosts, because it has the uncanny ability of seeming to be written, as St. Paul puts it, ‘for us,’ because it has always stalked the boundary between life and death” (p. 480).

Tomando essa provocação como ponto de partida, uma das formas de ampliar a noção de estudos histórico de literatura pode ser exatamente pela compreensão dos processos afetivos presentes na interação com produções literárias como integrantes desse sistema de interpretação profissional citada por Greenblatt e como venho explicitando ao longo do capítulo. No caso de Greenblatt, é preciso compreender que o destaque à sua relação afetiva com narrativas, assim como o reconhecimento da potência das narrativas como situadas em sua força emotiva, desenvolve-se na estratégia de assumir seu corpo, afetado pelas histórias lidas e analisadas, como parte do conhecimento que ele procura construir, como observável em *The Swerve* e *The Rise and Fall of Adam and Eve*, que constantemente reiteram a força construtiva e transformadora das narrativas.

A possibilidade de exploração da capacidade cognitiva dos processos afetivos segue as propostas do teórico das artes e estudos culturais Fredrik Tygstrup, que em “Affective Spaces” (2014) demonstra como as emoções embora sejam atribuídas a personalidade, são embebidas de características sociais e condições epistêmicas (TYGSTRUP, 2014, p. 167). Ele destaca a necessidade de uma mudança de foco nos estudos dos afetos da psique para a situação provocadora de processos afetivos e emocionais, em que essa última aparece como uma composição complexa de elementos materiais, scripts sociais e protocolos para agência (*agency*), corpos humanos e suas diferentes ferramentas e próteses, “and an ensemble of individuals expressing their different volition, imaginaries and propensities (p. 169). Ao focar na situação, a emoção deixa de ser compreendida como algo que é apenas uma parte integrante do sujeito para se tornar um experienciar dinâmico e processual, analisando-se “the dynamic interplay of affecting and being affected (p. 170).

Baseado nesse entendimento de afeto e no destaque dado por Greenblatt para a sistema interpretativo profissional no campo da história literária, torna-se

relevante repensar a participação de estudiosos da literatura em comunidades científicas, que antes de mais nada, repercutem em seus processos investigativos. Essa cadeia de compromissos profissionais encontra-se atravessada pelas relações estabelecidas não só com os seus objetos e as formas privilegiadas de produzir conhecimento, mas igualmente pelos vínculos criados entre os próprios parceiros de diálogo nesta esfera comunicativa, em todos os níveis contaminados pelo poder dos afetos. A compreensão destes enredamentos no sistema interpretativo baseado em escolhas afetivas permite, ao mesmo tempo, ampliar o horizonte das pesquisas e destinar um lugar específico aos processos afetivos e sua atração nas instâncias implicadas na construção de saberes.

Por exemplo, a análise dos vínculos entre ideias de Jacques Derrida e Paul de Man proposta por Rei Terada, em *Feeling in theory: Emotion after the “death of subject”* (2001), oferece um primeiro olhar sobre a força destes laços. No capítulo “Psyche, Inc.: Derridean emotion after de Man”, dedicado ao conceito de prosopopeia desenvolvido por Derrida em resposta a De Man (TERADA, 2001, p. 129), ela dá ênfase à relação de amizade entre os dois acadêmicos, citando o tom passional de Derrida numa elegia ao pensamento de De Man. Este tom, em vez de sinalizar falta de controle emocional por parte do filósofo, configura-se como marca relevante da própria estrutura textual, à medida que trata-se de um modo de falar e de traduzir conteúdos mentais e não da expressão de uma interioridade e, nesse sentido, o tom de escrita não se explica por uma teoria da subjetividade, mas a partir de uma teoria da retórica (p. 47).<sup>7</sup>

Os argumentos usados por Terada, neste caso, demonstram que “theoretical desire shows not the sublimation of affection into theory, but the emergence of affection in and as theory” (p. 129). Assim, o vínculo entre De Man e Derrida, para além da relação entre ideias abstratas julgadas com base exclusiva na razão, pode ser estabelecido a partir do entendimento da própria emoção como fazendo parte de suas argumentações. Nesta ótica, respostas emocionais passam a ser compreendidas como atos interpretativos, inerentes ao desenvolvimento de repertórios teóricos.

---

<sup>7</sup> Este livro de Rei Terada enfatiza como o pensamento pós-estruturalista contraria a perspectiva de que emoções precisam de sujeitos. Na verdade, a morte do sujeito torna relevante as emoções, noção basilar tanto para De Man quanto para Derrida (p. 7).

Considerando que escolhas afetivas condicionam a estrutura de discursos científicos, cabe uma indagação acerca dos interesses envolvidos em sua circulação e aceitação em determinados circuitos comunicativos. Na avaliação de Heidrun Olinto,

Uma indagação sobre a forma como eles – supostamente rigorosos e objetivos – adquirem legitimidade revela de imediato, a sua inserção social e política (...) Nesta circunstância a eficiência de uma teoria da leitura de literatura, hoje, não depende apenas da construção de sistemas altamente complexos, interdisciplinares e flexíveis, mas será, também, medida contra valores éticos mais gerais (OLINTO, 1994, p. 16).

Como consequência dessa percepção, torna-se imprescindível refletir sobre questões éticas envolvidas em práticas científicas.

A ênfase no papel do produtor de conhecimento, nesse sentido, é motivada pelo reconhecimento da atuação de seus afetos em processos cognitivos racionais, que podem ser traduzidos equivocadamente na confiança na aplicação de métodos previamente estabelecidos como suficientes para a produção de conhecimento, derivada de uma visão simplificada de racionalidade e de produção de saberes. No caso específico de Greenblatt, além do aspecto pessoal reiterado em suas análises, há o reconhecimento das coações impostas pela historiografia literária como um campo de análise profissional centrada na utilização de determinados pressupostos teóricos e metodológicos, considerados insuficientes pelo pesquisador. O *New Historicism*, nesse sentido, seria uma resposta às limitações profissionais impostas para pesquisadores que queiram explorar outros aspectos da análise de produções literárias em perspectiva histórica.

Esta demanda encontra ressonância em discussões atuais nos campos das teorias de história e das filosofias de ciência, que focalizam questões éticas presentes na elaboração de discursos científicos. Desloca-se a atenção voltada para narrativas históricas como produto final de pesquisas históricas, para o próprio fazer do historiador através da consideração de seus princípios norteadores e suas habilidades adequadas ao desenvolvimento de pesquisas científicas. O historiador holandês Herman Paul classifica essas discussões sobre comportamentos e habilidades que orientam a condução de pesquisas científicas como “virtudes epistêmicas” e tenta entender como, a partir delas, historiadores avaliam produções

acadêmicas, escolhendo-as entre possibilidades rivais e julgando os seus méritos em função de suas interpretações do passado.

Em “Performing History: How Historical Scholarship is Shaped by Epistemic Virtues” (2011), Paul fornece ferramentas conceituais para avaliar performances acadêmicas ocorridas quando o historiador está em seu processo reflexivo. Em sua perspectiva, a observação dos processos de avaliação da validade de uma pesquisa, por ter pressupostos instituídos e socializados em comunidades científicas, auxilia o entendimento de formação de *selves* acadêmicos, com características éticas e morais valorizadas e consideradas determinantes para o desenvolvimento de pesquisas (PAUL, 2011, p. 9). Ele se baseia na importância da constituição desse *self* acadêmico para o desenvolvimento de pesquisas científicas, uma vez que “without the exercise of certain character virtues, there can be no knowledge acquisition” (p. 9), virtudes essas compartilhadas e validadas pela comunidade em que o pesquisador se insere. Neste sentido, Paul evidencia traços considerados privados como significantes em produções científicas, indicando o papel da interação entre pesquisador e comunidade científica na constituição desses traços.

Na perspectiva de Paul, reflexões sobre a atuação de habilidades e virtudes privadas no desempenho de um pesquisador existem desde o século XIX, mas apenas recentemente ela é considerada como integrante do fazer científico (p. 3). Altera-se, nesse sentido, a investigação de instituições disciplinares, como propôs, por exemplo, Michel de Certeau em “A operação historiográfica” (1982), para a análise do próprio sujeito, para compreender como atitudes e virtudes aparentemente pessoais são constituídas pela interação em uma comunidade e atravessam suas produções científicas.

Paul oferece exemplos de virtudes valorizadas, tais como, coragem intelectual, mente aberta, diligência e confiança. Para Jan Steutel e Ben Spiecker, estas virtudes aproximam-se da noção de “paixões racionais” (STEUTEL; SPIECKER, 1997, p. 59),<sup>8</sup> uma vez que revelam dimensões emotivas em processos

---

<sup>8</sup> Em seu artigo “Rational passions and intellectual virtues. A conceptual analysis” (1997), Jan Steutel e Ben Spiecker procuram relacionar as virtudes epistêmicas com virtudes morais, procurando traçar as suas diferenças. Segundo eles, um pesquisador epistemicamente virtuoso não necessariamente agirá de acordo com normas morais estabelecidas em determinada sociedade.

cognitivos, minimizando modelos dicotômicos de razão e emoção. Entretanto, tais características variam de acordo com períodos históricos, lugares e campos disciplinares, revelando, deste modo, a contingência da operação científica. Nesta perspectiva, a ciência é comparada a uma atividade cultural, desenvolvida a partir da convivência e afetação entre sujeitos, entendidos como situados em um tempo, espaço, cultura e lutando por credibilidade e autoridade, aproximando das ideias de Steven Shapin em *Never pure: Historical Studies of Science as if it was produced by people with body, situated in time, space, culture, and society, and struggling for credibility and authority* (2010).

Entender que cientistas são guiados por paixões racionais, ou por escolhas afetivas, não pode ser desvinculado de sua participação em uma comunidade científica, que impõe certos tipos de virtudes, habilidades e comportamentos, que aceitos ou questionados por seus pares, interferem na forma da realização de suas pesquisas. No entanto, virtudes e habilidades esperadas por comunidades científicas, configurando variados tipos de *self* acadêmico, podem gerar tensões e mesmo frustração de certas expectativas nos cientistas, possibilitando, em um movimento de retroalimentação, em mudanças de padrões de comportamento valorizados ou depreciados.

Embora seja difícil definir características precisas de um *self* acadêmico, mesmo para grupos específicos, a consideração das paixões racionais é relevante para entender os modos de produção de conhecimento, como demonstra Greenbatt em suas avaliações sobre a historiografia literária. Ao compreender o trabalho científico como atividade cultural, permeada também por escolhas afetivas, percebe-se igualmente o relacionamento de suas produções com questões que ultrapassam o controle de processos racionais e lógicos. A correlação entre essa força de pressão, não prescrita na cientificidade da produção de saber, e as experiências do pesquisador modelam a sua própria produção de conhecimento. O acadêmico americano oferece uma resposta para essa questão através de sua teoria de textualidade e sua crença no papel dos textos, principalmente, em sua capacidade de provocar reações afetivas.

## 8.

Ao longo deste capítulo, procurei explorar algumas das estratégias de Stephen Greenblatt, focando principalmente na relação entre a sua proposta de escrita, a sua concepção de temporalidade histórica e os processos afetivos em níveis pessoais e profissionais, com pesquisas recentes do campo das Neurociências que esclarecem a potencialidade de processos afetivos e emocionais na cognição. Como sugere a epígrafe,

We wanted to find in the past real bodies and living voices, and if we knew that we could not find these – the bodies having long moldered away and the voices fallen silent – we could at least seize upon those traces that seemed to be close to actual experience (GREENBLATT, 2005a, p. 37).

É esse toque de realidade, através dos afetos e da capacidade transformadora dos textos, que ele pretende trazer para sua proposta de historiografia literária e que merece atenção pela afinidade com conhecimentos recentes sobre a relação entre cognição e afetividade, vendo-os como inter-relacionados, em vez de competidores.

Este seu desejo coaduna com o objetivo formulado nesta tese e sintetizado na imagem dos corpos afetados das leitoras capturados na exposição *Reading Woman* apresentado na introdução da tese, **Historiografia literária: em busca de repertórios teóricos**. Greenblatt apresenta apenas uma das maneiras possíveis de explorar afetos e emoções como atuantes em produções de conhecimento histórico literário, ainda restando olhar para outras estratégias, conforme será feito no próximo capítulo através da análise das estratégias de Hans Ulrich Gumbrecht.